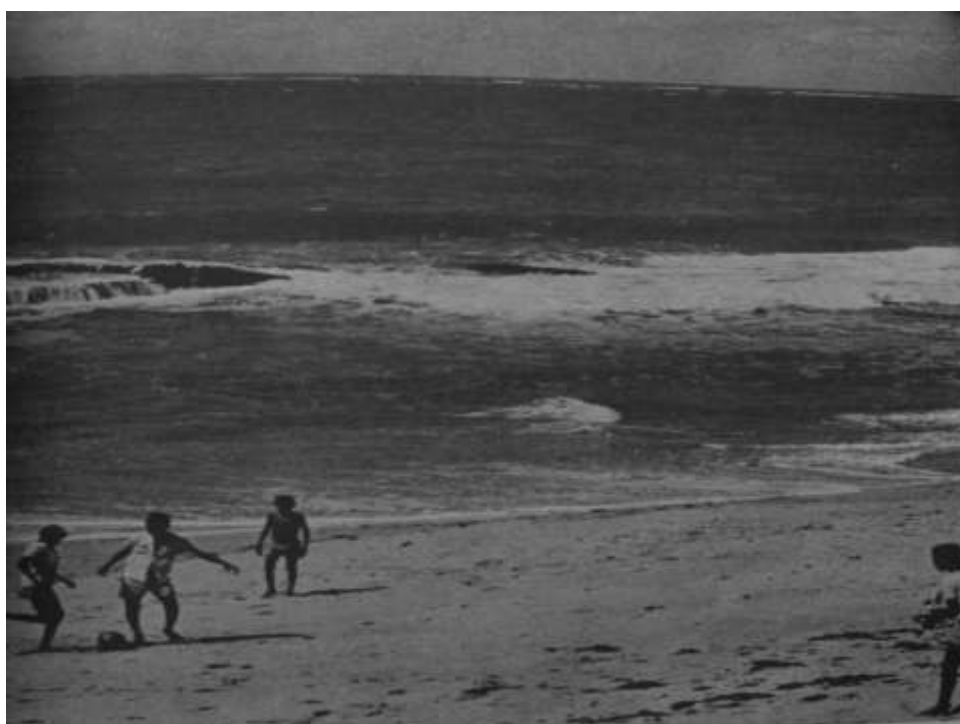


**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – ICS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**“A gente sabe o dia que vai, a volta só Deus sabe”:
Estudo Antropológico sobre Memória Coletiva e o Universo da Pesca no Povoado do Pontal de Coruripe, Alagoas.**



Lays Lins Calisto

Maceió – AL

2015

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – ICS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

“A gente sabe o dia que vai, a volta só Deus sabe”: Estudo Antropológico sobre Memória Coletiva e o Universo da Pesca no Povoado do Pontal de Coruripe, Alagoas.

Lays Lins Calisto

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas como requisito para a obtenção do título de Graduada em Ciências Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Rechenberg

Maceió – AL

2015

Lays Lins Calisto

“A gente sabe o dia que vai, a volta só Deus sabe”: Estudo Antropológico sobre Memória Coletiva e o Universo da Pesca no Povoado do Pontal de Coruripe, Alagoas.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas e aprovada em 25 de maio de 2015.

Profa. Dra. Fernanda Rechenberg, Universidade Federal de Alagoas- UFAL (Orientadora)

Banca examinadora:

Prof. Mestre Gilson Rodrigues Júnior, Universidade Federal de Alagoas- UFAL

Prof. Mestre Bruno César Cavalcanti, Universidade Federal de Alagoas-UFAL

Para o menino Monteiro.

AGRADECIMENTOS

À Missi, Elir e seus filhos que me acolheram em suas vidas no cotidiano da pesquisa.

Ao Seu Jorge, por nossas tardes de muitas conversas onde pacientemente me ensinou sobre o ofício de ser pescador.

À Fernanda, por sua sensibilidade e força no caminho deste trabalho.

À Fátima, minha mãe, por ter me ensinado as primeiras letras.

Ao Daniel, meu pai, por ter sido sempre maravilhoso.

À Lys, por sua presença iluminadora em minha vida.

Ao Lael, por seu nascimento que renovou minhas forças.

Ao Vicente, por seu amor.

Ao Moisés por sua amizade, abraços e encontros maravilhosos.

Ao Thiago por sua amizade e apoio em todas as horas.

Ao Antônio, por sua presença tão especial nos momentos deste trabalho.

À Iracema e Laerte pela amizade e acolhida em suas vidas.

À Camila, por nossas conversas reveladoras.

À Jacqueline, por nossos encontros, conversas e inquietações que reverberam neste trabalho.

Ao Gilson, que desde nosso primeiro encontro me encheu de vida com sua existência colorida.

À Evelina, que desde sempre acreditou em mim nesses anos de graduação.

À Teresa, que me guiava pelos caminhos do Pontal, sempre disposta a me ajudar a chegar no meu destino.

À comunidade do Pontal que tive o prazer de conhecer um pouco mais através deste trabalho.

A todos os professores que contribuíram na minha formação profissional e pessoal.

Ao universo com quem aprendo todos os dias.

“Fui ao mar e ele me falou de suas grandezas
infinitas. Falei de você e ele calou”.

(Jackson Monteiro Ferreira)

RESUMO

Esta pesquisa resulta de um estudo etnográfico realizado junto a Missi e Seu Jorge, moradores do povoado do Pontal de Coruripe, situado no Litoral Sul de Alagoas, território cuja paisagem está intimamente relacionada com os ritmos das marés. Foi realizado um estudo da memória, onde são apresentadas duas trajetórias sociais que conformam experiências singulares com o universo da pesca. Os relatos narrados revelam um campo de possibilidades que abre caminho para negociações da realidade das novas gerações.

Palavras-chaves: *Memória, Pontal de Coruripe, Universo da pesca.*

ABSTRACT

This research is the result of an ethnographic study conducted with Missi and Sr. Jorge, villagers of Pontal de Coruripe, located in the South Coast of Alagoas, territory whose landscape is closely related to the tide's rhythms. It was conducted a study on memory, in which are presented two social trajectories that make singular experiences with the fishing universe. The narrated stories reveal a field of possibilities that opens the way for negotiations on the reality of the new generations.

Keywords: *Memory, Pontal de Coruripe, Fishing universe.*

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Página 14

Planta do Pontal de Coruripe.

**Fonte: FORMAN, S.; FORMAN, L. Bico: O filho de um jangadeiro brasileiro.
Alemanha: Grafmarques, 1969.**

Página 15

Mapa da localização do Pontal de Coruripe.

**Fonte: FORMAN, S.; FORMAN, L. Bico: O filho de um jangadeiro brasileiro.
Alemanha: Grafmarques, 1969.**

Página 16

Ilustração do descobrimento do Brasil.

**Fonte: FORMAN, S.; FORMAN, L. Bico: O filho de um jangadeiro brasileiro.
Alemanha: Grafmarques, 1969.**

Ilustração da celebração canibalística dos índios Caetés.

**Fonte: FORMAN, S.; FORMAN, L. Bico: O filho de um jangadeiro brasileiro.
Alemanha: Grafmarques, 1969.**

Página 24 e 25

Foto de meninas no aprendizado do artesanato com Ouricuri.

**Fonte: FORMAN, S.; FORMAN, L. Bico: O filho de um jangadeiro brasileiro.
Alemanha: Grafmarques, 1969.**

Página 41

Capilé, responsável pela construção das jangadas dos pescadores, nos tempos de pesca de Seu Jorge.

**Fonte: FORMAN, S.; FORMAN, L. Bico: O filho de um jangadeiro brasileiro.
Alemanha: Grafmarques, 1969.**

Foto do carro de boi trazendo a madeira para a fabricação das jangadas.

**Fonte: FORMAN, S.; FORMAN, L. Bico: O filho de um jangadeiro brasileiro.
Alemanha: Grafmarques, 1969.**

Página 60

Foto com o pai de Seu Jorge auxiliando na captura de um tubarão.

**Fonte: FORMAN, S.; FORMAN, L. Bico: O filho de um jangadeiro brasileiro.
Alemanha: Grafmarques, 1969.**

Página 60

Foto do caminho do Pontal que dava acesso a Coruripe.

**Fonte: FORMAN, S.; FORMAN, L. Bico: O filho de um jangadeiro brasileiro.
Alemanha: Grafmarques, 1969.**

Página 63

Foto da captura de peixes com o arrastão.

**Fonte: FORMAN, S.; FORMAN, L. Bico: O filho de um jangadeiro brasileiro.
Alemanha: Grafmarques, 1969.**

Página 67

Foto com os estudantes da Colônia Z-10, atual sede da associação dos pescadores do Pontal.

Página 68

Foto de um jangadeiro do povoado do Pontal.

**Fonte: FORMAN, S.; FORMAN, L. Bico: O filho de um jangadeiro brasileiro.
Alemanha: Grafmarques, 1969.**

Página 68

Foto de jangadeiros pescando.

**Fonte: FORMAN, S.; FORMAN, L. Bico: O filho de um jangadeiro brasileiro.
Alemanha: Grafmarques, 1969.**

Foto de pescadores em uma jangada no mar.

**Fonte: FORMAN, S.; FORMAN, L. Bico: O filho de um jangadeiro brasileiro.
Alemanha: Grafmarques, 1969.**

Página 69

Jangadas nas areias da praia do Pontal de Coruripe.

**Fonte: FORMAN, S.; FORMAN, L. Bico: O filho de um jangadeiro brasileiro.
Alemanha: Grafmarques, 1969.**

Foto de um pescador em um jangadeiro no mar.

Fonte: FORMAN, S.; FORMAN, L. Bico: O filho de um jangadeiro brasileiro.
Alemanha: Grafmarques, 1969.

Página 71 e 72

Fotos das celebrações religiosas de matriz africana na festa de Bom Jesus dos Navegantes.

Fonte: FORMAN, S.; FORMAN, L. Bico: O filho de um jangadeiro brasileiro.
Alemanha: Grafmarques, 1969.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPITULO I : PRIMEIRAS PISTAS DO FAZER ANTROPOLÓGICO	15
1.1 Pontal de Coruripe: marcas dos primeiros tempos	15
1.2 Com os pés no Pontal: narrando o povoado	21
1.3 “Catando folhas”: o fazer antropológico	29
1.3.1 O(s) Pontal(is) habitado(s) no percurso da pesquisa	29
1.3.2 Sobre <i>estar</i> em campo	32
1.3.3 O encontro etnográfico: um presente	38

CAPITULO II: MEMÓRIA E NARRATIVA	43
2.1 Os narradores do povoado do Pontal de Coruripe	47
2.1.1 Missi: <i>vazios pela terra</i>	47
2.1.2 Seu Jorge: <i>olhos rasos pelo mar</i>	58
CAPÍTULO III: DOS ENCONTROS EM CAMPO: Um mergulho no universo da pesca	75
3.1 Breve panorama sobre estudos de <i>pesca</i> nas Ciências Sociais	78
3.2 Paisagem do Pontal: itinerário sobre a rítmica do lugar	83
3.3 “Muito bem a gente sabe o dia que sai, mas o dia que vem só Deus que toma a frente deles tudinho que vão para o alto mar”: o saber-fazer na arte de pescar	84
3.4 Travessia: os caminhos e descaminhos da atividade pesqueira no Pontal de Coruripe	90
GUIA DE CONCLUSÃO: Dos aprendizados em campo	96
REFERÊNCIAS	99

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como intuito principal adentrar no universo dos pescadores do povoado do Pontal de Coruripe. Um povoado marcado pelos ritmos das marés que se expressam nos modos que os moradores vivenciam o seu cotidiano. Esses habitantes do Pontal participam de uma experiência atravessada por práticas e modos de pensar relacionados à pesca artesanal, tecendo suas vidas em meio à uma *paisagem praticada* que se transforma.

Adentrar neste universo foi possível a partir de uma pesquisa etnográfica realizada entre setembro de 2013 e junho de 2014, junto a Missi e Seu Jorge, ambos moradores do Pontal. Na tentativa de conhecer suas experiências cotidianas atravessadas pelas inconstâncias marítimas no seu viver, o presente trabalho buscou acompanhar os percursos biográficos desses dois narradores em seus dilemas cotidianos, em suas lógicas de usos do espaço, no enfrentamento das adversidades e incertezas em relação à atividade pesqueira e a abertura de possibilidades diversas do ofício de pescador para as novas gerações.

Conforme aponta o antropólogo Gilberto Velho (2006), a possibilidade de elaboração de um projeto não opera no vazio, mas depende de um contexto específico para ser pensado. A abertura para se pensar outro caminho, além do ofício de pescador, se alinha a um contexto social favorável entre os pescadores, na elaboração de sentidos produzidos sobre o investimento no prolongamento da escolarização.

A vivacidade do universo da pesca praticada no Pontal foi acessada através dos estudos de memória, nas aproximações das histórias que informam sobre os modos de ser dos pescadores. Buscando conhecer este ambiente habitado por Missi e Seu Jorge, essa pesquisa foi em busca de suas histórias e o seu envolvimento com a pesca. Esses moradores se constituíram narradores ao longo da pesquisa, compartilhando lembranças, mudanças e dilemas no enfrentamento das inconstâncias presentes no ofício da pesca.

No primeiro capítulo apresento aproximações com o contexto histórico de desenvolvimento do povoado do Pontal de Coruripe. Apresento também o meu próprio olhar etnográfico, o que foi sendo transformado, adensado e envolvido ao longo da pesquisa. Neste percurso e já inserida em uma “rede”, ampliam-se os deslocamentos pelo povoado, conhecendo não apenas novos territórios, mas também outras nuances que se revelam à medida que a pesquisa etnográfica se aprofunda. As condições de minha entrada em campo são também descritas neste capítulo, assim como o quadro metodológico da presente pesquisa com a proposta de uma discussão acerca do fazer antropológico a partir dos dilemas experimentados.

O segundo capítulo propõe adensar as reflexões sobre memória e narrativa sob a perspectiva de uma abordagem biográfica. As histórias dos narradores, suas trajetórias sociais e os relatos de seu cotidiano que delineiam os ritmos do lugar vão esquadrinhando uma memória coletiva do Pontal que está entrelaçada com a atividade pesqueira.

Por fim, no capítulo três, o lugar é experimentado em seus ritmos. Os saberes envolvidos e os dilemas enfrentados na pesca são apresentados tendo em vista os conhecimentos transmitidos pelos pescadores ao longo do percurso em campo, em diálogo com biografias relacionadas. Ainda neste capítulo, apresento um breve panorama dos principais trabalhos relacionados com a temática da pesca no âmbito das Ciências Sociais.

A partir da imersão em campo foi possível elaborar reflexões, dentre tantas outras possíveis, acerca do contexto atual da atividade, que passa por um momento de abertura para outras possibilidades profissionais pautadas na elaboração de um projeto direcionado para uma trajetória escolar mais duradoura.

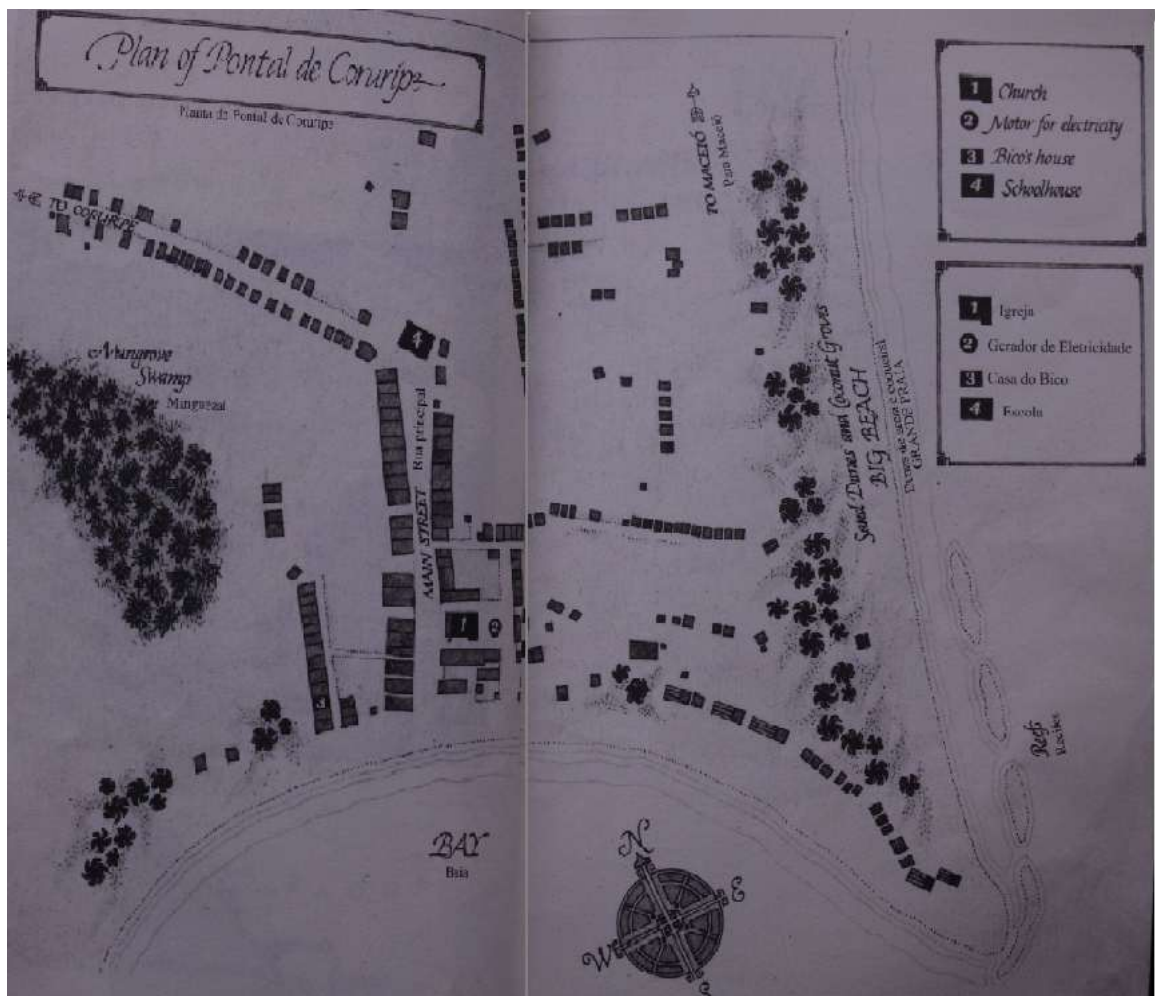
Durante a realização da pesquisa etnográfica, me vi em um ambiente marcado por afetos e amabilidades, fundamental para compreender as histórias dos narradores e a rítmica do Pontal, é a partir desta ambiência que o presente trabalho foi elaborado.

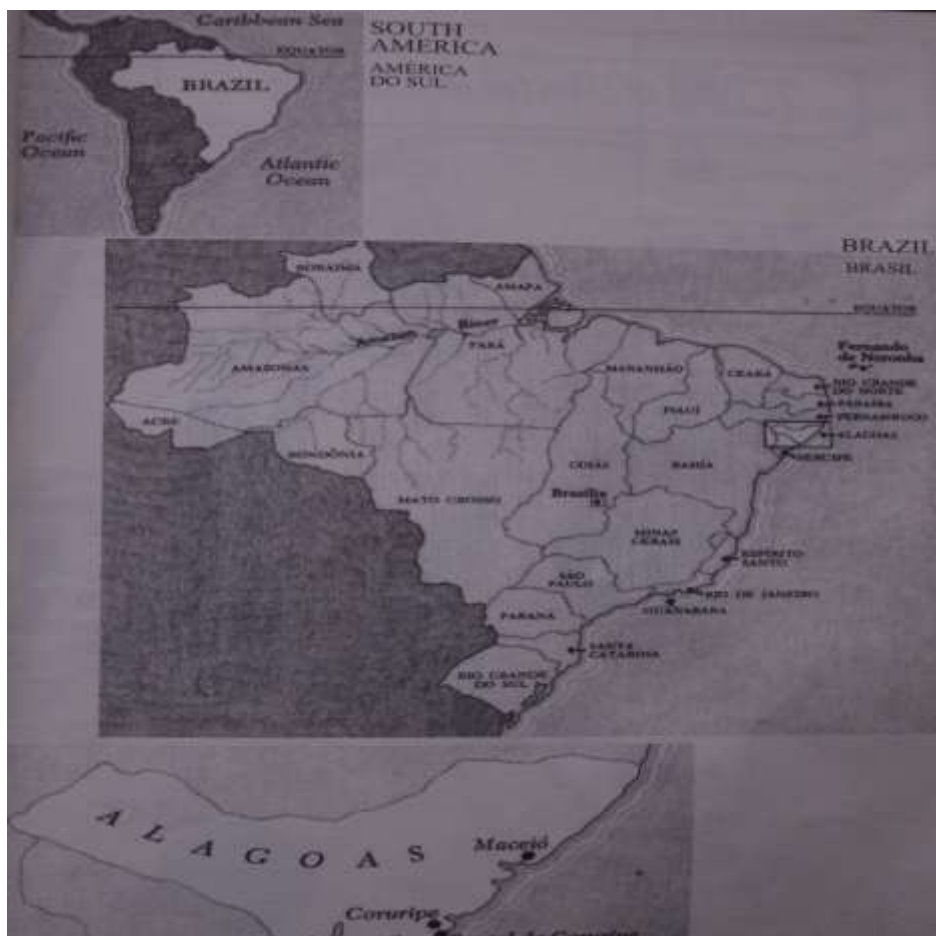
CAPITULO I

PRIMEIRAS PISTAS DO FAZER ANTROPOLÓGICO

Pontal é uma vila de pesca muito bonita, porque o oceano azul lava suas praias e o vento balança a copa das palmeiras que margeiam a areia branca da praia. (Forman, 1969:18).

1.1 Pontal de Coruripe: marcas dos primeiros tempos





Localizado no município de Coruripe, situado no Litoral Sul de Alagoas, o Pontal tem sua história intimamente relacionada com os tempos da invasão do Brasil pelos portugueses. Neste tempo, Coruripe era conhecido como Cururu-ipe, que significa “rio dos seixos”. Os índios Caetés o chamavam assim por conta do rio que corta o seu território e que mais tarde deu nome ao município.

Através do depósito arqueológico descoberto no local foram encontrados vestígios indígenas da nação tupinambá que viviam ali agrupados em seus aldeamentos. Os tupinambás viviam da caça, da pesca, da agricultura de coivara e confeccionavam artefatos de barro e da palha extraída da própria região.

Nos momentos iniciais da colonização das terras brasílicas a região foi marcada pelo emblemático acontecimento relacionado ao bispo D. Pero Fernandes Sardinha e de seu encontro com os índios Caetés por conta do naufrágio da nau Nossa Senhora da Ajuda, que condizia o bispo a Portugal.



Do evento, além da história, restou o busto de Sardinha alocado próximo à Capela que foi o marco inicial da formação do povoado do Pontal, onde era realizado o escambo de pau-brasil e outras madeiras. Após esse acontecimento as populações Caetés foram varridas das terras do litoral sul alagoano. Além disso, o lugar teve participação ativa no contexto da invasão holandesa, pois fazia parte da rota que se ligava à sede administrativa holandesa que ficava em Recife.

Em relatos, alguns antigos moradores contam que a vila dos pescadores do Pontal, entre os séculos dezesseis e dezessete era um porto movimentado onde marinheiros e mercadores portugueses e franceses levavam a madeira do pau-brasil para a Europa. Outra influência que viria a dar um dos principais contornos da paisagem do lugar foi a participação dos negros no desenvolvimento da pesca nos primeiros tempos do povoado.

A vila de pescadores começou a ter desenvolvimento maior do que a vila de Poxim, a que estava subordinada e na segunda metade do século XIX, a vila Coruripe foi criada pela lei nº 484 de 23 de julho de 1866 passando a ser sede do município com a denominação de Coruripe. O povoado de Poxim foi desmembrado de Coruripe e em 1891 foi reanexado. Em 1866, a freguesia sob invocação de Nossa Senhora da Conceição, atual padroeira do município, foi transferida para o centro de Coruripe.

Com uma faixa litorânea de 35 km de extensão em que se destacam as praias de Pontal do Coruripe, Duas barras, Pituba, Lagoa do pau, Barreiras, Miaí de cima, Miaí de baixo, Bebedouro e Japú, o município que é o segundo maior do estado com uma área de 898,625 km², está localizado na região sul do Estado de Alagoas, limitando-se ao norte com os municípios de Teotônio Vilela e São Miguel dos Campos, a sul com Feliz Deserto e Oceano Atlântico, a leste com o Oceano Atlântico e a oeste com Penedo e Teotônio Vilela. Distante 86 km da capital alagoana.

Estima-se que tenha uma população de 56.153 habitantes (IBGE, 2014), com um Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) de 0,615 em 2013. Segundo a classificação do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento o município está entre as regiões consideradas de médio desenvolvimento humano (IDH entre 0,5 e 0,8). Entretanto, em relação aos outros municípios do Brasil, Coruripe apresenta uma situação ruim, pois ocupa a 4383ª posição. Ou seja, dos 5506 municípios analisados apenas 1124 municípios (20,4%) estão em situação pior ou igual, apesar de dentro de um contexto estadual a sua situação ser considerada “boa”, deve-se compreendê-la levando em consideração os baixos índices de desenvolvimento do estado de Alagoas.

O lugar antes habitado em sua paisagem pelo pau-brasil passa a ter importante papel no desenvolvimento da cana de açúcar no Nordeste. Segundo estudos de Andrade (2005), realizados em meados do século XX, sobre a expansão da cana-de-açúcar, o autor destaca algumas das etapas pelas quais as terras coruripenses passaram com relação ao desenvolvimento da cultura da cana-de-açúcar. Dos engenhos para as usinas, a monocultura estabeleceu-se no lugar, sufocando as culturas de subsistência das pequenas povoações. Inicialmente o cultivo da cana-de-açúcar se estabeleceu nas áreas de vales, mas com o avanço das técnicas agrícolas e o incentivo de políticas de desenvolvimento agroindustrial ocorreu uma expressiva expansão desta monocultura na região.

A plantação de cana começou a dominar os tabuleiros costeiros, que até então, eram usados por famílias que trabalhavam nos engenhos e usinas, tanto para moradia como para o cultivo de mandioca, milho, feijão etc. “Diante disso, as áreas destinadas à moradia e a produção de alimentos pelos trabalhadores foram apropriadas para o cultivo da cana-de-açúcar” (SANTOS, 2007:31).

Hoje o município conta com a instalação das Usinas Coruripe, Guaxuma e com a Cooperativa Pindorama¹, esta traz em seu complexo cooperativo inserido em uma política nacional de colonização e reforma agrária que foi idealizada por René Bertholet em 1950 em meio ao cenário de tradição latifundiária de plantations açucareira. Sua sede está localizada no município de Coruripe, mas a extensão da colônia de Pindorama abrange ainda outros dois municípios, conta com trabalhadores assalariados permanentes (administração e industrialização), além de centenas de trabalhadores temporários nos períodos de corte da cana (SILVA; ROCHA, 2011:5).

¹ Embora esteja localizada em uma região onde predomina o latifúndio canavieiro, que é historicamente marcado por um modelo extremamente excludente e concentrador de riqueza e poder, Pindorama persisti em seu projeto assentado tanto no fortalecimento da cadeia sucroalcooleira, como na diversificação produtiva e agroindustrialização o que permitiu não somente uma reinvenção do espaço agrícola como também uma relação diferente com o lugar, e o que faz desta iniciativa pioneira e bem-sucedida é fato do projeto basear-se em pequenas unidades familiares de produção, na intersetorialidade, na gestão coletiva, na solidariedade e na inclusão social.

Apesar da predominância de latifúndios, com uma área de cultivo de cana de aproximadamente 52.238 hectares, no quadro geral do estado o município apresenta uma expressiva concentração de atividades econômicas ligadas à agropecuária, à indústria de transformação, ao comércio e aos serviços. Nos índices de desenvolvimento o município está em 19º lugar no estado (19/101 municípios) e em 4.388º lugar no Brasil (4.388/5.561 municípios)². O lugar, apontado como o local de primeiro contato dos portugueses com o Brasil (ANDRADE, 2003) possui uma das mais belíssimas paisagens com uma faixa extensa de praias paradisíacas, onde se realiza a pesca, uma das principais atividades econômicas de Coruripe. Como também, suas belezas alimentam um turismo ainda em vias de desenvolvimento.

Dos tempos do encontro dos índios com D. Pero Fernandes Sardinha ficou uma réplica de uma caravela portuguesa na praça do Avistamento no Pontal, uma homenagem aos portugueses. A praça fica nas proximidades da orla da praia, onde durante o verão acontece desde 2013 um festival musical realizado aos sábados por iniciativa da prefeitura do município, com o objetivo de incentivar o turismo local oferecendo alternativa de diversão com a apresentação de músicos.

Outro marco dos primeiros tempos do Pontal é o busto de Sardinha encontrado próximo à capela do padroeiro do povoado. Na escultura há a representação do bispo em gesto solene, como quem estivesse abençoando o povoado, apesar do acontecimento canibalístico. Configurando-se como uma memória paisagística do lugar de tempos passados.

Sobre a formação do povoado do Pontal não existem documentos que descrevam ao certo esses primeiros tempos. Em leituras sobre o desenvolvimento agroindustrial do município, surgem pistas que nos levam a deduzir que os habitantes mais antigos poderiam ter sido ex-escravos de engenhos próximos e as terras por eles ocupadas seriam, na época, porções desvalorizadas para o cultivo da

² Dados pesquisados no site do Ministério do Desenvolvimento Social, sobre o desenvolvimento do município, disponível em: <http://www.mds.gov.br>, março de 2015.

cana-de-açúcar, haja vista que se tratava de uma porção distante dos vales fluviais, portanto uma área não propícia ao cultivo da cana (ANDRADE, 2003).

Existem ainda, duas histórias sobre sua origem e povoamento do Pontal, a primeira versão diz que, o engenho surgiu do nome São João da Praia do Pontal, onde seu proprietário era o senhor João da Ressurreição Lima Lessa, que por ocasião da visita do Imperador e da Imperatriz ao estado de Alagoas, doou certa quantia em dinheiro para os festejos da recepção (ANDRADE; SILVA, 2003). A visita ao lugar ocorreu em 31 de dezembro de 1856, presume-se que o engenho foi construído por volta de 1820. A segunda versão sobre a sua origem é a de que o povoado surgiu de um arruado de pescadores que foi crescendo através do tempo, esta versão é comumente relatada pelos antigos moradores que contam que os índios foram os primeiros habitantes e que depois teriam vindo os negros (ANDRADE; SILVA, 2003).

Nestas versões destacam-se as influências africanas no Pontal além de sua formação intimamente relacionada com a pesca, ambas as versões se aproximam do cotidiano do lugar que tem nos primeiros tempos a presença forte da cultura africana como também o desenvolvimento da pesca como modo de sobrevivência para seus primeiros habitantes. Além de uma forte presença de influências indígenas no lugar.

1.2 Com os pés no Pontal: narrando o Povoado

Quando surgiu o interesse em realizar uma pesquisa no Pontal a permanência no lugar foi sendo intensificada. Durante as longas temporadas de trabalho de campo, fui acolhida na casa dos amigos Iracema e Laerte. Neste período passei a pegar carona no ônibus que é mantido pela prefeitura de Coruripe para o transporte dos moradores que estudam em Maceió. A carona no ônibus era facilitada por Teresa, uma amiga que me ajudou com os horários e os principais pontos de parada, por também ser estudante e usuária do transporte.

Foi através dessas caronas que minhas idas ao Pontal foram mantidas sem qualquer custo durante o desenvolvimento da pesquisa. No início do trabalho de campo, passava algumas semanas. Ao longo do processo de pesquisa minhas idas foram intensificadas e cheguei a permanecer quase dois meses no Pontal.

Durante esse tempo iniciei as primeiras incursões junto aos pescadores, na tentativa de conhecer o cotidiano da atividade pesqueira do local. No início os diálogos não aconteceram e com isso começava a minha preocupação com o andamento do trabalho. Como os contatos não iam acontecendo, passei a conhecer o lugar em “passeios” diários que foram fundamentais para a minha inserção em campo e para adensar uma observação mais detalhada da vida social do povoado.

Nesta atitude de “passear” diariamente, foi se desenvolvendo uma etnografia de rua³ (ECKERT; ROCHA, 2003:13), metodologia que consiste em caminhadas exploratórias sem destino fixo, o que proporcionou importantes descobertas e surpresas nos espaços do Pontal e nas práticas cotidianas de seus habitantes. Ao andar pelo povoado, dois diferentes Pontais se apresentavam aos meus olhos. De um lado, um lugar habitado por pessoas humildes, em sua maioria pescadores e artesãos residentes em casa bastante simples. Do outro, casarões de veraneio que passavam quase todo o ano fechados sob os cuidados de caseiros.

A presença de muitos becos no lugar chamou bastante atenção, pois sempre podemos contar com esse atalho, um desses becos me marcou bastante. Um dia, nos tempos em que ainda me perdia no Pontal, esse beco me auxiliou e reencontrar o caminho de volta. Passei a utilizá-lo como caminho alternativo de acesso à praia. A parte do mar que encontramos a partir deste acesso quase não tem arrecifes e as ondas arrebatam com muita força nos paredões em tempos de maré alta. É

³ Experiência metodológica desenvolvida pelas antropólogas Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert junto ao projeto de pesquisa intitulado “Estudo antropológico de itinerários urbanos, memória coletiva e formas de sociabilidade no mundo urbano contemporâneo”. Neste trabalho as pesquisas na cidade eram desenvolvidas com o uso de recursos audiovisuais como parte do olhar e da coleta de dados nos percursos etnográficos em ruas, bairros e casas.

também nesta parte da praia que encontramos muitas casas admiráveis em seu desrespeito aos limites da praia.

O acesso por este beco é uma alternativa para se fugir da entrada principal da praia, cheia de carros, estabelecimentos comerciais, como restaurantes e também pela Associação das Artesãs do Pontal que atrai bastante gente. Na associação são expostos e vendidos artesanatos maravilhosos feitos com Ouricuri, a vista do mar neste lugar é privilegiada e podemos acompanhar um pôr-do-sol um pouco diferente do visto do mirante da “rua grande”, pois podemos ver os raios solares iluminarem quase toda a extensão do mar.

O Pontal é considerado o local com a melhor estrutura turística do município de Coruripe. Onde se pode encontrar uma longa faixa de praia, com uma área de manguezais e o rio Coruripe que é hoje um dos ecossistemas mais ameaçados⁴. A praia do Pontal é reconhecidamente uma das mais belas do litoral alagoano por ter um mar de águas calmas proporcionado pelo seu paredão de arrecifes com extensão total de 25km com 25 metros de profundidade que podem ser vistos nas marés baixas. Foi por conta da existência destes arrecifes que foi construído em 1948 o farol do Pontal para evitar incidentes com as embarcações que naveguem por suas águas. O farol também é evocado como símbolo do município de Coruripe.

Um dos arrecifes conhecido pelo uso destinado ao lazer é o Baixio. Nos domingos de maré baixa, os habitantes do povoado rumam para este local. Quando a maré está baixa é possível estar em meio ao alto mar aproveitando as belezas deste lugar. Neste local, os moradores aproveitam suas piscinas naturais, bebem e assam peixes na casca do coco. Conheci o Baixio através de Missi que é companheira do pescador Elir que juntos constituíram uma família e tiveram dois filhos Esheley e Elias. A família tem suas vidas atravessadas pelos ritmos do mar. Travei o primeiro contato com Missi em uma festa que estava sendo realizada em sua residência. Sua presença e seus desdobramentos na pesquisa serão mais adiante apresentados.

⁴ Esses ecossistemas contam com o apoio da organização não governamental Eco Mangue que realiza ações com o intuito de promover a conservação da diversidade biológica e cultural dos manguezais e do Rio Coruripe.

Em um dos domingos no Pontal, eu, Missi, Esheley, Elias e mais dois sobrinhos de Missi fomos conhecer o Baixio. Nesta ocasião, Elir não pode estar presente, mas um amigo da família nos levou em seu barco para que eu pudesse conhecer um dos lugares de lazer dos pescadores do povoado. Nos divertimos muito com os peixes que encontrávamos e com as piscinas naturais que se formam. Mas a diversão costuma durar pouco, pois em menos de duas horas a maré enche e o lugar fica coberto pelas águas. Fiquei sabendo do Baixio através de Elir em uma das conversas que tivemos em seu barco. Nessa visita ao seu local de trabalho Elir apresentou os principais instrumentos utilizados na pesca, o lugar em que dormia nos dias que saía para pescar. Tentou me explicar como funcionava o GPS, admito que apesar de seus esforços não consegui compreender muito bem seu mecanismo, talvez por já me encontrar bastante enjoada com o balançar das ondas e com uma enorme vontade de pisar em terra firme.

Desde os primeiros dias de caminhada pelo Pontal, sempre me chamou muito a atenção o fato de todas as casas terem sempre crianças, jovens e velhos na ocupação do artesanato feito com a palha do Ouricuri, seja no seu tratamento ao sol, etapa que é realizada antes da confecção dos cestos, ou na produção propriamente dita dos objetos.

A *Syagrus coronata*, mais popularmente conhecida como Ouricuri, Aricuri, Nicuri e Alicuri, tem diferentes usos nos lugares em que se encontra. No Pontal ela é conhecida como Ouricuri. Esta planta é uma palmeira típica do semiárido nordestino, presente em diferentes regiões secas e áridas das caatingas, como no norte de Minas Gerais, na porção oriental e central da Bahia, no sul de Pernambuco, em Sergipe e Alagoas (NOBLICK, 1986:13). É uma planta bastante conhecida na história do Brasil e teve a influência de seus usos nas culturas indígenas na confecção de cestos para pesca, de esteiras e outros utensílios.

No povoado do Pontal, suas folhas depois de secas ao sol se transformam em utensílios domésticos utilizados no dia a dia, como também, são produzidos artesanatos para serem comercializados nas portas das casas da maioria das moradoras artesãs. O artesanato do povoado é bastante conhecido e, através de

incentivos do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio ganhou visibilidade, sendo possível a organização das artesãs em uma Associação com sede própria no Pontal para a comercialização de seus produtos para os turistas. Além disso, as peças de palha de Ouricuri produzidos no povoado são exportadas para vários países.

A feitura do artesanato é bastante antiga no lugar com o intuito inicial de confeccionar objetos para serem utilizados na casa e na pesca, tais como, os cestos para guardar os utensílios da pesca, as esteiras para colocar o pescado, os chapéus. Ao longo das gerações o artesanato com o Ouricuri passa de mão em mão, mais predominantemente como uma atividade realizada pelas mulheres do povoado que desde a infância são iniciadas na arte de trançar a palha como os índios Caetés faziam nos primeiros tempos do lugar.

Seja no passado distante ou nos dias atuais, o artesanato com Ouricuri no Pontal é um dos elementos tradicionais locais que permanece em meio a transformações e que ganha vida nas mãos das meninas que hoje são iniciadas na feitura do artesanato.





Nas suas ruas e becos cheirando a peixe é quase impossível não se deparar com a exuberância do mar em seus aromas, sons e presença nas rebentações. O mar em que se aventuram os seus pescadores, vive repleto de barcos. O pôr do sol ao entardecer, um dos mais calmo que já pude apreciar é recebido pelos moradores que o contemplam em meio aos afazeres cotidianos.

Quando o sol está prestes a descansar e a maré baixa é bastante comum a presença de crianças brincando a beira mar. Ao cair da noite o Pontal é muito diferente de seu ritmo diurno, as pessoas se recolhem em suas casas e as ruas vão sendo esvaziadas e o mar que pelo dia encontra-se repleto de pessoas, ao anoitecer vai ficando propício a caminhadas solitárias. Pode-se caminhar por suas areias sem que se encontre uma pessoa se quer.

Durante os finais de semana de alta temporada os ritmos do lugar apresentam diferenças, com suas ruas cheias de turistas. Com o comércio local em efervescência, muito diferente dos dias comuns do povoado. Ao chegar o final de semana as casas se encontram em festa. Em muitas delas tive o prazer de participar. Nos sábados e domingos é bastante comum os moradores se reunirem

para beber e apreciar camarões, peixes e ouriço, muito apreciado como acompanhamento.

Como mencionado anteriormente, o Pontal é considerado um dos lugares mais desenvolvido para receber turistas dentro do circuito das praias que estão circunscritas no litoral de Coruripe, tendo um considerável número de hotéis e pousadas, restaurantes que servem pratos típicos de beira de praia. O povoado ainda sedia os festejos tradicionais do padroeiro Bom Jesus dos Navegantes no mês de janeiro e o Festival do coco que é realizado anualmente no mês de fevereiro. Pude acompanhar os festejos de comemoração do padroeiro do povoado, uma procissão belíssima que ocupa as ruas e o mar do Pontal em celebrações que se prolonga noite a dentro com shows, comidas, feiras e parque de diversão. É uma celebração bastante aguardada e é recebida com muita festa pelos moradores e pelos que vieram participar dos festejos.

Apesar de receber um número de turistas todos os anos e de ser reconhecidamente um dos pontos turísticos brasileiros mais belos, o lugar carece de cuidados mínimos com a sua população que hoje pode ser estimada em 35.000 habitantes⁵. Os habitantes do povoado não podem contar com o serviço básico de saneamento, exceto os conjuntos habitacionais que estão sendo construído com o incentivo do Governo Federal. Andando por suas ruas os cheiros provenientes deste descaso por parte da prefeitura é contrastante com a beleza do lugar e das pessoas.

Um lugar encontrado em uma das andanças pelo povoado foi a baía, local bastante restrito às pessoas de fora do Pontal, principalmente se tratando de uma mulher, pois o local é predominantemente marcado pela presença dos pescadores, por conta principalmente das construções dos barcos. A Baía fica próximo ao Mangue e é uma parte da praia pouco explorada.

Neste local, encontrei vários pescadores que conversavam sobre a pesca e a construção dos barcos, tinha ainda algumas barracas que serviam de abrigo em dias

⁵ Segundo censo realizado pelo IBGE em 2014. Sobre isto ver: <http://ibge.or.br/pontaldecoruripe.phr?idf=79&00lay=pde>

de arrastão⁶. Pude acompanhar muito desses arrastões que aconteciam próximo a este local. Ainda de manhã cedo mulheres, crianças, homens e jovens se reuniam para a sua realização, diferentemente dos dias em que só homens ocupavam o lugar. Como passavam a manhã inteira nesta atividade ocupavam os barracões para preparar refeições rápidas e também guardar objetos.

Numa dessas visitas aos barracões, pude entrar e conhecê-los mais de perto, pois até então só tinha visto de longe. Nesses barracões encontrei vários apetrechos para a pesca, como redes, bóias, utensílios domésticos, etc. Neste mesmo momento de descoberta, uma moradora de uma casa próxima do local me alertou sobre os perigos de permanecer ali tendo em vista que era predominantemente ocupado pelos homens da pesca. Entendi a sua preocupação, mas não poderia deixar de visitar aquele local, pois se tratava de um lugar em que o universo da pesca se mostrava sem reservas. No desenvolvimento da pesquisa, nunca deixei de ir a este lugar, além do interesse para o campo, proporcionava a apreciação de uma praia mais calma, longe da movimentação.

Ao andar pelo povoado encontramos pescadores em confabulações acerca das marés, dos ventos, dos cuidados com os barcos, sobre assuntos diversos relacionados a pesca sempre com seus pés descalços por conta do contato constante com o mar. Certa vez, na casa de Missi ela me mostrou uma foto antiga em que estava com Elir, ainda nos primeiros anos de namoro. Ela destacou sobre Elir estar calçado, fato hoje quase improvável por conta de suas idas ao mar. Essa prática, mesmo em dias que não estão trabalhando, permanece no cotidiano dos pescadores ao habitarem o lugar. É mesmo raro encontrar um pescador que não esteja descalço e com a imersão em campo fui percebendo que não só os pescadores como a maioria dos moradores andam pelas ruas com seus pés à vontade.

⁶ Tipo de captura de peixes realizado próximo a praia. Geralmente o arrastão conta inicialmente com duas pessoas que lançam as redes em locais precisos e em seguida um mutirão é feito para que os peixes sejam retirados do mar.

O Pontal é um lugar que se expressa em sua paisagem paradisíaca; nos cavaletes em suas praças para acomodar redes; das tradicionais feiras aos sábados; da televisão na praça; no parque de diversão que chega e ali se instala em meio aos cavalos; nos domingos de bebedeira e peixe assado na casca do coco; nos pés descalços, na palha de Ouricuri tecida pelas mãos das artesãs em tardes ensolaradas; nos meninos brincando ou largados a beira mar, na caminhada rumo a praia pelo calçadão ou pela sua areia, que dizem os moradores ser afrodisíaca.

1.3 “Catando folhas”: o fazer antropológico

No candomblé, “catar folhas”: alguém que deseja aprender os meandros do culto deve logo perder as esperanças de receber ensinamentos prontos e acabados de algum mestre; ao contrário, deve ir reunindo (“catando”) pacientemente, ao longo dos anos, os detalhes que recolhe aqui e ali (as “folhas”) com a esperança de que, em algum momento, uma síntese plausível se realizará (Goldman, 2001:6).

1.3.1 O(s) Pontal(is) habitado(s) no percurso da pesquisa

Entre os meses de setembro e outubro de 2013, quando ainda cursava o sexto período da graduação, iniciei os primeiros contatos no povoado do Pontal. Nas primeiras estadias por lá me deparei com um campo que a princípio parecia estéril. Como já foi dito, nas idas a este lugar era acolhida na casa de Iracema e Laerte, amigos que me recebiam com muito carinho. Foi através de Iracema que travei o primeiro contato com Missi.

Estava no Pontal há pouco mais de um mês, imersa em lembranças e em uma busca incessante de iniciar os diálogos com os pescadores. Foi quando caminhava pela praia já sem esperanças que Iracema, amiga em comum, ligou e me

convidou pela segunda vez (eu havia recusado o convite no início do dia) para uma festa. Aceitei o convite e rumei em direção a localização que havia dado.

O motivo da festa era a comemoração do aniversário de uma amiga incomum de Iracema e Missi. Ao chegar na casa Iracema logo tratou de me apresentar a Elir e comentar acerca de meu interesse em realizar uma pesquisa com os pescadores. Inicialmente conversei com Elir sobre alguns temas relacionados à pesca e marcamos um encontro para ele mostrar como era o seu cotidiano.

Voltando a Maceió, em conversas na disciplina de Antropologia VI, ministrada pela Prof. Fernanda Rechenberg, comentei das dificuldades em encontrar interlocutores para a pesquisa. Ao contar sobre os moradores do povoado que conhecera no final de semana, fui orientada a investir no encontro com Missi, tendo em vista as dificuldades em estabelecer contato com os pescadores.

Essa mudança no processo da pesquisa, que consistiu em uma tentativa de travar contato com os pescadores de maneira indireta, a partir da companheira de um pescador, possibilitou, a princípio, um meio para ter acesso a rotina dos pescadores. De partida, encontrar Missi dentro do contexto da pesquisa me entusiasmou bastante, pois mesmo sem conhecê-la havia algo em sua biografia que despertou meu interesse.

De algum modo, sentia que nossas biografias tinham um ponto em comum. De um lado, Missi enfrentava a possibilidade, ainda que remota, de perder seu companheiro na ida ao mar; do outro, eu passava por um severo luto pela morte de meu companheiro, que era morador desde nascido do Pontal e que agora estava na morada do eterno. A mudança no acesso ao universo da pesca veio a marcar a pesquisa de maneira decisiva.

Diferente das escolhas de objetos de pesquisa na maioria dos trabalhos antropológicos, onde o lampejo norteador parte de um interesse pessoal do pesquisador a respeito de um tema que lhe intriga. A escolha de realizar um trabalho com o povoado do Pontal vem do interesse em *estar lá* em seus ritmos e cores, como também o interesse pelo tema da pesca.

O universo da pesca chegou até mim através de conversas suscitadas a partir de um projeto de Trabalho de Conclusão de Curso que acompanhei de perto e que foi interrompido antes mesmo de ganhar vida em campo, realizado por um estudante de Ciências Sociais e também meu companheiro de vida (a quem eu já fiz referências nos parágrafos anteriores).

A vontade em desenvolver uma pesquisa no lugar, durante muito tempo foi um modo que encontrei para manter uma conexão com aquele que não mais poderia estar presente para realizá-la e que durante os anos finais de graduação dividia comigo suas principais inquietações em relação ao seu trabalho. Inicialmente poder estar no Pontal desenvolvendo esta pesquisa era uma oportunidade de experimentar o lugar sob um olhar diferente. O tema da pesca foi um ponto de partida para a pesquisa e proporcionou encontros, conversas, passeios e dias tristes, como quando no percurso da pesquisa Missi estava bastante pesarosa com a partida de sua mãe.

O encontro com Missi fez surgir uma inquietação acerca dos riscos enfrentados por seu companheiro no desenvolvimento de seu ofício de pescador. O interesse em encontrá-la abriu caminhos para conhecer a sua história e dar vida a este trabalho em meio a tempos tão difíceis.

Inspirado nesses encontros, um documentário surgiu inicialmente no percurso da pesquisa que foi apresentado na disciplina de Antropologia Visual, na Mostra Sururu e em um Seminário⁷. A produção fílmica recebeu críticas bastantes positivas e foi recebido por Missi com muita emoção.

A produção do documentário se deu a partir dos primeiros encontros com Missi onde seus relatos eram centrados nos dilemas enfrentados por ela em suas vivências com a pesca. A partir das falas de Missi, comecei junto ao Vicente (fotografia e produção) a pensar sobre o documentário. Contamos com a colaboração de Antônio na sua edição. Juntos buscamos captar em imagens e

⁷ Mostra Sururu de Alagoas 2013, realizada com o objetivo de difundir a produção áudio visual no estado; e exibido no Seminário: Imagem, Pesquisa e Antropologia, realizado pelo VISURB – Grupo de Pesquisa Visuais e Urbanas da UNIFEP, de 04 a 08 de novembro de 2013.

sonoridades o ambiente das conversas que foram travadas, como também experimentar a paisagem do Pontal em seus ritmos que se misturam com as idas e vindas do mar.

Com as filmagens das imagens para o documentário algumas cenas do cotidiano foram descortinadas. A exemplo, os dias de chuva, os barcos atracados nas águas e areias da praia, as crianças brincando, os moradores conversando em meio a rebentação do mar. Um Pontal era descoberto a cada encontro. A cada entardecer e à medida que adensava a pesquisa o lugar ia ganhando outros sentidos, além dos já estabelecidos nos tempos em que o Pontal era o lugar para reunir os amigos e aproveitar os dias ensolarados.

1.3.2 Sobre *estar* em campo

O trabalho de campo é, sobretudo, uma atividade construtiva ou criativa, pois os fatos etnográficos “não existem” e é preciso um “método para a descoberta de fatos invisíveis por meio da inferência construtiva” (Malinowski, 1935:317).

É somente com o passar do tempo que o antropólogo pode ser “afetado pelas complexas situações com que se depara - o que envolve também, é claro, a própria percepção desses afetos ou desses processos de ser afetado por aqueles com quem o etnógrafo se relacionam” (Goldman, 2001:6).

Foi a partir dos vazios experimentados por Missi nas idas de Elir para o alto mar e a possibilidade, ainda que remota nos dias atuais, de que seu retorno das águas não seja possível, que antes mesmo de conhecer Missi fui *afetada*, no sentido que Jeanne Favret-Saada (1977) confere à expressão, por sua biografia atravessada por esses dilemas. O *afeto* aqui mencionando não se refere “a afeto no sentido da emoção que escapa a razão, mas de afeto no sentido de resultado de um processo de afetar, aquém ou além da representação” (Favret-Saada, 1977:15), de modo que esse processo permitiu o estabelecimento de uma certa forma de comunicação involuntária entre nós.

Desse modo, entra em cena uma discussão que vale a pena uma reflexão, a saber, sobre a experiência de um descentramento vivenciado no fazer antropológico que já foi amplamente discutido sobre “o ponto de vista do nativo”, marcada por uma forte controvérsia acerca desta postura epistemológica nos trabalhos antropológicos em que uma espécie de *mainstream* antropológico que sustenta, em síntese, que o trabalho de campo depende de uma identificação do antropólogo com seus nativos, o que permitiria captar o ponto de vista destes últimos como também viria a dar embasamento para a construção de uma “autoridade etnográfica”.

É contra essa ideia amplamente difundida a respeito de que a etnografia estaria fortemente condicionada por uma conversão do antropólogo que permitiria pensar, sentir e perceber como os nativos, que Geertz escreveu seu ensaio intitulado *O ponto de vista do nativo* (Geertz, 1983), em que o autor sustenta que a etnografia dependeria preponderantemente da capacidade de situar-se a uma distância média entre conceitos muito concretos, “próximos da experiência” cultural, e conceitos abstratos, “distantes da experiência”, do que de uma habilidade de identificação qualquer: “uma interpretação antropológica da bruxaria não deve ser escrita nem por um bruxo, nem por um geômetra” (Geertz, 1983:57).

Seguindo este caminho, o antropólogo deverá ser um observador estrangeiro, que como afirmou, Goldman é

Capaz de apreender, apenas como objetos, realidades para as quais os nativos são relativamente, mas não necessariamente, cegos que garantiria a possibilidade da etnografia. Esta deveria consistir, pois, na investigação das mediações que se interpõem entre os nativos e sua experiência social, possibilitando assim a análise das diferentes formas simbólicas através das quais os nativos se expressam” (Goldman, 2001:7).

O *mainstream* acerca do trabalho de campo é muito mais produto de sua crítica do que uma realidade previamente existente. Uma identificação total do antropólogo com os nativos parece ser uma dessas situações de contato bastante evocadas, mas pouco vistas na história da disciplina, como aponta Goldman (2001).

Na introdução aos *Argonautas*, importante obra para o desenvolvimento da Antropologia, Malinowski (1922:31) recomenda que o etnógrafo de vez em quando deixe de lado a máquina fotográfica, lápis e caderno, e participe pessoalmente do que está acontecendo.

Ao sugerir que o antropólogo “tome parte nos jogos dos nativos”, Malinowski discorre que não seria necessariamente uma conversão do antropólogo em nativo, mas sim, a realização de uma “observação participante” que permitisse captar as ações e os discursos da sociedade estudada em ato do que propriamente por parte do antropólogo numa metamorfose em nativo.

A observação participante busca compreender o outro “de dentro” ao tentar penetrar em formas de vida que lhe são estranhas, a vivência com a sociedade estudada é parte fundamental na elaboração de suas reflexões, “uma vez que essa vivência- só assegurada pela observação participante “estando lá” - passa a ser evocada durante toda a interpretação do material etnográfico no processo de sua inscrição no discurso da disciplina” (Oliveira, 2000:34).

Ao refletir sobre sua intensa experiência de campo com a feitiçaria no Bocage francês, Favret-Saada (1977) sustentou a ideia de que, ao falar de observação participante, a antropologia sempre adotou uma concepção de participação, como identificação ou compreensão, o que teria conduzido a disciplina a reter apenas a observação, gerando assim uma “desqualificação da palavra de seus interlocutores” e uma “promoção da do etnógrafo” (Favret-Saada, 1977:6).

Ao contrário, por “participação” Favret-Saada entende a necessidade do etnógrafo em aceitar ser afetado pela experiência etnográfica. Sobre esta discussão a autora coloca, “não implica que ele (o antropólogo) se identifique com o ponto de vista dos interlocutores, nem que ele aproveite a experiência de campo para excitar seu narcisismo” (Favret-Saada, 1990:7).

Neste sentido, Goldman propõe que a etnografia não deve ser entendida como um processo de observação de comportamentos e esquemas conceituais, ou como formas de conversão ao assumir o ponto de vista do nativo, mas sim, deve ser compreendido sob o signo do conceito deleuziano de “devir”. O antropólogo postula a partir da apropriação deste conceito que, o devir é uma composição, “um movimento através do qual um sujeito sai de sua própria condição por meio de uma relação de afetos que consegue estabelecer com uma condição outra” (Goldman, 2000:9).

Goldman (2001) em seu artigo intitulado *Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos: Etnografia, Antropologia e Política em Ilhéus-Bahia*, realiza muito habilmente uma discussão acerca dos temas que permeiam o trabalho de campo, assim como traça um olhar bastante sofisticado a respeito do estar em campo e suas implicações. O devir, segundo o antropólogo é o que nos arranca não apenas de nós mesmo, mas de toda identidade substancial possível (Goldman, 2000:15).

Nos termos de Favret-Saada (1977), trata-se de ser afetado pelas mesmas forças que afetam o nativo, isso não quer dizer que se realiza uma apreensão emocional ou cognitiva dos afetos, mas de ser afetado por algo que os afeta e desse modo estabelecer uma relação.

Ser afetado é próprio da imersão em campo, do contato com o outro, da abertura que se dar para se entregar ao encontro etnográfico. À medida que são estabelecidos vínculos com os interlocutores, onde suas experiências são partilhadas, impossível é não se envolver, pois por mais que se queira manter uma distância visando uma objetividade, quando se está em campo no convívio com as pessoas este limite se apresenta bastante movediço. Ainda mais quando se trata de uma pesquisa que tem como norte metodológico o estabelecimento de um diálogo em que ambas as subjetividades, a do interlocutor e a do pesquisador são reconhecidas. Deixar-se afetar e ser afetado torna-se parte fundante não só dos encontros, como também suscita uma reflexão sobre o tema.

Ao entrar em campo nos diálogos com os interlocutores sobre o enfrentamento das adversidades do mar sempre me deparava com duas expressões que marcaram decisivamente o modo como fui afetada em campo. Ao se referir sobre as idas ao mar, tanto Missi quanto Seu Jorge e nos dizeres de outros que encontrei, a investida em alto mar era sempre colocada enquanto “aventurar-se”, no sentido de arriscar-se e, sobretudo entregar o seu destino à própria sorte e aos desígnios da natureza.

Estar pescando representa ao mesmo tempo risco e entrega. Uma entrega com relação aos riscos do que pode acontecer e que foge ao controle de qualquer pescador diante das inconstâncias marítimas. O próprio saber apreendido sobre o

ofício não traz garantias no território movediço que é o mar, a possibilidade de se ficar à deriva é algo que só a sorte de cada um pode saber, no encontro com os riscos do mar, lugar que em que é preciso ter parcimônia para que não se entregue a própria vida em meio ao desespero.

Muitos perderam seus filhos, irmão, companheiros nas aventuras ao mar. Mais forte do que a indignação que os casos de perda na lida com o mar pode provocar é a certeza de que tantos os que ficam quanto os que vão entregam a própria sorte a Deus, à natureza. E principalmente o entendimento dos limites do homem sobre as inconstâncias marítimas.

Em seus relatos ao falar sobre as idas de Elir para o mar para pescar, Missi nunca perde a esperança no retorno de Elir. Os riscos nos dias atuais de ser tragado pelo mar diminuíram consideravelmente, mas contam os pescadores que o povoado já perdeu seus homens para o mar.

Essa existência que se desenrola no lançar-se na aventura marítima à própria sorte e principalmente na resignação diante dos infortúnios não só em alto mar como também nas adversidades estando em terra, foram, cada vez mais, sendo experimentadas em campo.

O que a princípio poderia ser um subterfúgio no enfrentamento de situações tão instáveis, como quando num dos encontros com Missi ela me contava sobre a quebra do motor de seu barco, foi um de nossos encontros mais delicados, pois Missi estava bastante apreensiva com relação às incertezas que pairavam sobre a sua família. Neste encontro, não pude impedir-me de ficar angustiada com tal situação, mas ainda assim, Missi tendo notado o estado que fiquei com a notícia confortou a mim e a ela com sua esperança e paciência frente às adversidades da vida.

Não são poucos os casos de dificuldades entre os pescadores, muitos vivem em situações bastante precárias no povoado. A família de Missi possui seu próprio barco de pesca, enquanto muitos outros pescadores ainda prestam serviço aos donos de barcos, adquirindo dívidas enormes com estes por conta dos empréstimos

pedidos antes mesmo de entrada no mar. Essa é uma realidade ainda mais dura, pois estes pescadores ficam presos a essas dívidas intermináveis.

Em meio a essas histórias, muitas vezes durante a pesquisa os papéis pesquisadora/ pessoa eram borrados, seria impossível não ser afetada pela atmosfera do lugar no convívio com essas pessoas e nos seus dilemas enfrentados cotidianamente. Para ilustrar um desses momentos em que o cotidiano do Pontal foi sendo experimentado em meio a proximidades e afetos, trago uma passagem do diário de campo sobre um dia bastante simbólico na realização desta pesquisa:

Era sábado, por volta de três da tarde havia acabado de ter uma conversa duradoura com Seu Jorge. Ao término deste encontro fui em direção à casa de Missi para marcarmos uma conversa para o dia seguinte. Ao chegar em sua casa encontrei Missi e uma amiga conversando e tomando algumas cervejas. A princípio achei a situação um pouco desconcertante, pensava que poderia estar atrapalhando seu momento de descontração. Ainda assim, ficamos combinando os horários possíveis para conversarmos (Ela do lado de dentro da casa e eu do lado de fora). Foi quando a amiga de Missi, falou: “Mulher, entre!” Entrar em sua casa naquele momento, foi como adentrar mais profundamente sua intimidade. Ao entrar, Missi começou a falar para sua amiga a importância de minha presença em sua vida. Eu oscilava entre manter-me a uma certa distância do que estava sendo colocado e ao mesmo tempo pensava que aquele momento deveria ser vivido. Tinha vontade de falar sobre minha vida, pois o ambiente era bastante propício e me senti entre amigas. Neste encontro o que se mostrou foi uma espécie de bastidores da pesquisa. Missi fazia um breve resumo sobre seu entendimento acerca do trabalho para explicar a minha presença ali, falava de nossos encontros, do documentário que estava preparando. Os temas foram sendo encadeados para outros assuntos e quando percebi estávamos as três falando de questões que nos importavam mais intimamente. Foi quando o irmão de Missi chegou e interrompeu a atmosfera afetiva que ali se instaurava. Voltamos a falar sobre o vídeo, em seguida conversamos sobre temas aleatórios, outras pessoas chegaram em sua casa e ela teria que se ocupar. Falei que precisaria ir, e nos despedimos.

(Diário de campo, 2013)

Ao participar deste momento entre Missi e sua amiga, ela não só partilhava sobre nossos encontros como também de maneira descontraída falava mais abertamente sobre alguns temas relacionados aos sentidos que ela atribuía a pesquisa e situava a minha presença em sua vida. Não sabia, mas ela tinha por mim um carinho e uma admiração que não tinha conhecimento até este encontro. Entendi

um pouco por que de nossas conversas fluírem tão bem, ambas nutriam uma pela outra um carinho e uma consideração que foi exposta neste dia.

1.3.3 O encontro etnográfico: um presente

Ao encontrar Missi pela primeira vez em sua casa logo o formato de “entrevista” foi colocado de lado e um tom de encontro iam ambientando nossos diálogos. Não saberia ao certo identificar o momento em que o ambiente de encontro foi instaurado, onde duas mulheres falavam de questões relativamente íntimas, num ambiente permeado por silêncios e pausas.

O ambiente de encontro instaurado proporcionou mudanças de abordagens, reformulações dos temas e na maneira de fazer a pesquisa, essas reconfigurações nos pontos norteadores do trabalho se deram nos diálogos com Missi. Nos encontros, algumas posições foram pensadas e repensadas, esses momentos com ela não só proporcionaram mudanças de abordagem, como em todo o formato do trabalho.

Em nossos diálogos, percebi que não poderia trabalhar com o anonimato, invisibilizando a sua pessoa, pois a escolha por utilizar o nome pelo qual ela é mais conhecida se deu no processo deste trabalho que pode ser melhor entendido sob a perspectiva de um aprendizado, como muito bem coloca Tereza Pires Caldeira em suas colocações a respeito dos momentos de encontro em campo:

O depoimento não existia pronto para ser dito; ele é construído a medida em que vai sendo dito. Tudo isso faz com que a relação da entrevista seja, basicamente, uma relação de aprendizado: tanto o pesquisador quanto o entrevistado descobrem, aprendem, refletem. (Caldeira, 1980:6).

Neste sentido, nestas primeiras incursões, Missi me levou por caminhos inimagináveis dentro do contexto da pesquisa, aos quais suscitaram a necessidade de redesenhar a abordagem a ser aplicada, aproximando o trabalho de uma abordagem que proporcionasse um ambiente em que ela falasse por ela mesma.

Uma metodologia que se aproximava da atmosfera de nossos encontros e que dialogava intimamente com o encontro etnográfico foi a perspectiva

desenvolvida por Jorge Prelorán (1987), a partir do uso de etnobiografias com um enfoque êmico, ou seja, “desde dentro”. Em sua abordagem, Prelorán dialoga com o espaço e os sentidos dados pelas pessoas na lida com esses ambientes, através de sua abordagem acerca das histórias de seus personagens:

Através de mis etnobiografía describo elementos de las culturas que documento, tratando de indagar em profundidad la gran diversidad de maneras em que ele hombre se há organizado sobre la tierra, para tratar de entender el sentido de su vida y las formas que há encontrado para sobrevivir sobre ella (Prelorán, 1987:45).

A metodologia de Prelorán vai se fazendo no ambiente de sua pesquisa como uma abordagem voltada para a criação de documentários que dialoga homem e ambiente postulando em seus trabalhos a predominância de uma relação mais duradoura com seus interlocutores que exige um convívio mais longo em que a afinidade seria um elemento importante para este convívio e desenvolvimento do trabalho.

Essa ênfase nos relatos e narrativas biográficas tenta apresentar os atores a partir da sua própria perspectiva, onde o que é apreendido não é tanto uma história particular, ou fatos, mas “o processo compreensivo e interpretativo que se estrutura linguisticamente em torno da construção de uma imagem (situacional) que protagoniza a própria biografia” (PINA *apud* CALDEIRA, 1980:9).

À medida que se abre caminho para um desenvolvimento de uma metodologia em que o diálogo com o outro é um elemento importante dentro do trabalho nos aproximamos de uma vertente da Antropologia denominada dialógica e interpretativa e sobre esta abordagem Oliveira (1998) em sua obra *O trabalho do antropólogo*, alerta sobre algumas implicações no uso deste método:

Nesse procedimento os horizontes semânticos em confronto- o do pesquisador e o do nativo- abrem-se um ao outro, de maneira a transformar um tal confronto em um verdadeiro “encontro etnográfico”. Cria um espaço semântico partilhado por ambos interlocutores, graças ao qual pode ocorrer aquela “fusão de horizontes” - como os hermeneutas chamariam esse espaço-, desde que o pesquisador tenha a habilidade de ouvir o nativo e por ele ser igualmente ouvido, encetando formalmente um diálogo entre “iguais”, sem receio de estar, assim, contaminando o discurso do nativo com elementos de seu próprio discurso. Mesmo porque, acreditar ser possível a neutralidade idealizada pelos defensores da objetividade absoluta, é apenas viver uma doce ilusão. Ao trocarem ideias e informações entre si, etnólogo e nativo, ambos igualmente guindados a interlocutores, abrem-se a um diálogo em tudo e por tudo superior, metodologicamente falando, à antiga

relação pesquisador/informante. O ouvir ganha em qualidade e altera a relação, qual estrada de mão única, em uma outra de mão dupla, portanto, uma verdadeira interação (Oliveira, 1998:24).

Nesta obra, o antropólogo traz uma importante discussão a respeito dos atos cognitivos envolvidos no fazer antropológico. São eles: olhar, ouvir e escrever, que ele procura problematizar afim de desnaturalizar tais atos como sendo passíveis de reflexão ao longo do trabalho antropológico. A partir do momento que se inclina por uma metodologia voltada para a produção de discursos que são produzidos nesses encontros e na duração das relações, a responsabilidade no ouvir ganha sentidos que podem ser compreendidos como uma *entrega*, pois neste ato o pesquisador abre espaço para ouvir, ainda que com alguns ruídos ocasionados por suas projeções.

O “saber ouvir”, como muito bem coloca Oliveira, é imprescindível no ofício de antropólogo, assim como os demais atos envolvidos neste tipo de trabalho. Há que se doar ao que outro traz para o encontro. Essa doação foi experimentada a cada encontro em campo, acompanhado de todo um cuidado em diminuir possíveis “ruídos” na escuta e de um cansaço imenso após cada encontro, pois os relatos eram sempre muito cheios de vidas e careciam de uma escuta atenta a suas minúcias que com certeza se perderiam no formato das gravações.

Tanto nos relatos de Missi quanto os de Seu Jorge este sentimento foi compartilhado. Seu Jorge é inserido no trabalho como um dos principais interlocutores por conta de suas redes de afetos estabelecidas no povoado, por ser um pescador antigo, sua narrativa traz para a pesquisa uma atmosfera dos tempos em que a pesca era realizada de modo bastante rudimentar, possibilitando traçar paralelos entre o desenvolvimento da atividade que demonstra marcadores históricos da influência dos negros e a sua forte presença no povoado.

Seu Jorge, que é pescador aposentado foi indicado por Missi e Elir, assim como, por outros moradores do povoado por se tratar de um morador antigo do lugar, guardião de memórias que a partir de sua narrativa apresenta um Pontal distante no tempo em suas permanências e mudanças. Sua narrativa possibilitou o diálogo com fontes históricas não só do lugar, mas também do desenvolvimento da

atividade pesqueira no Nordeste, no segundo capítulo a partir das narrativas deste pescador, esses diálogos são travados de modo mais contundente.

Nos diálogos com Missi e Seu Jorge, os jogos da memória foram trazidos à tona e com isso diálogos com autoras como Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert (2013) foram sendo imprescindíveis. Em seus trabalhos sobre memória, as antropólogas desenvolvem com muita delicadeza, reflexões acerca da memória e do seu lugar de produção, além de travarem diálogos com diversos teóricos sobre o tema da memória. Apesar de suas teorizações se desenrolarem tendo como pano de fundo o espaço urbano, os diálogos alcançam o ambiente desta pesquisa no entrelaçamento das biografias dos interlocutores e a paisagem habitada por eles.

Dentre os muitos encontros proporcionados em campo, Seu Jorge e Missi se fizeram uma das vozes mais importantes neste trabalho, pela paciência de ambos em relatar suas vidas, pela possibilidade de uma rotina de encontros que sempre acontecia de maneira fluída e com muito respeito ao que estava sendo relatado.

As narrativas de Missi apresenta o outro lado da pesca, a perspectiva de quem fica. Em nossos encontros iam sendo relatados aspectos importantes do lugar, como quando conta a respeito da ida para Maceió marcada por uma relação de apadrinhamento tão presente na história de Alagoas.

No caso das narrativas de Seu Jorge, em suas memórias de morador/pescador do lugar, pude conhecer um Pontal distante no tempo, contada de maneira bastante viva. Foi através dele que descobri uma das bibliografias mais importantes para a ambiência da pesquisa, o livro *Bico: O filho de um jangadeiro brasileiro* de Shepard Forman, obra que era por ele reconhecida como um tesouro, pois trazia em fotografias e relatos, memórias dos tempos em que no povoado não havia rede elétrica e a madeira utilizada pelo velho Capilé, responsável pela construção das jangadas nos tempos de Seu Jorge, era trazida em carros de boi.



Com Seu Jorge, a partir de suas narrativas conheci as aventuras e desventuras enfrentadas pelos pescadores. Aprendi que estando em mar é preciso ter

parcimônia, ou como ele coloca: “ter aquele jogozinho”. Ainda com ele, desvelamos um Pontal que só existe agora na memória, guardado em sua biografia que atravessa o tempo e que em nenhuma bibliografia poderia ter esse contato tão vivo com a história desse lugar.

A colheita das narrativas de Missi e de Seu Jorge traz para a pesquisa suas principais problematizações acerca dos *jogos da memória* na elaboração de narrativas que se inserem dentro da produção de uma memória coletiva, postulando uma imersão nesta metodologia no desenvolvimento do trabalho como também seus discursos delinearam as temáticas desenvolvidas.

A pesquisa está longe de abarcar o Pontal como um todo, em sua complexidade e heterogeneidade. Pretendo com ela apresentar um fragmento das múltiplas histórias possíveis que atravessam o povoado a partir das relações estabelecidas, das vozes destes narradores e pelos dados recolhidos durante a imersão em campo. Com isso, o trabalho traz a partir dessas histórias um pouco do vivido em campo no convívio com esses moradores do Pontal que tem suas vidas atravessadas pela atividade da pesca. Os relatos e as contextualizações que seguem foram produzidos a partir destes encontros e de uma atitude de “observar participando” (Velho, 1994) em que as subjetividades deram os principais contornos ao trabalho.

CAPÍTULO 2

Memória e Narrativa

A vida narrada é um entrelaçamento de experiências evocadas pelos interlocutores, um encontro entre a vida íntima do narrador e sua inscrição numa

história social e cultural. Uma abordagem biográfica⁸ em pesquisas que visam o conhecimento do homem sobre o homem e teorias de reciprocidade insere-se nas experiências etnográficas pelo menos desde os últimos vinte anos deste século.

A utilização de métodos que privilegiam a vida do *outro* implica em alguns questionamentos epistemológico quanto a essa escolha metodológica dentro do trabalho etnográfico. Os relatos biográficos inicialmente podem ser compreendidos enquanto uma fonte de informação sobre determinado contexto social; uma evocação do narrador e; uma reflexão suscitada no encontro que acontece num determinado contexto que pode ser tomado para explicar as singularidades desse percurso biográfico.

Ao narrar a sua história, o interlocutor vai tecendo as experiências vividas, reconstruindo acontecimentos numa travessia pelo tempo e apresentando os conhecimentos apreendidos. Neste tecer e refletir a cerca da própria história aparecem pessoas, lugares, viagens, marcadores de pertença em um determinado grupo, dentre outras nuances que poderão surgir. Neste sentido, passa-se de microcosmos acessados no encontro com experiências singulares vividas “onde o sujeito fala situando-se em contextos vividos e re-interpretados no presente, o que infere no lugar do qual o discurso é produzido” (ECKERT e ROCHA, 2013:23).

Uma “escuta etnográfica” das narrativas tem sua legitimidade alcançada a partir do diálogo com outros métodos que vão desde a uma convivência prolongada, o que permite conhecer os ritmos e espaços onde se desenrola a vida cotidiana a eventos coletivos em seus vínculos estabelecidos. À medida em que se adentra numa história de vida, um percurso é traçado pelo narrador que irrompe a narrativa com acontecimentos que oscilam em sua temporalidade e espaço. Ora se relata sobre momentos longínquos distantes do alcance das lembranças, ora os relatos são intercalados com acontecimentos recentes, na tentativa de dar sentido à existência vivida.

⁸ A expressão “abordagem biográfica” se refere no sentido amplo de várias modalidades de metodologias relacionadas aos usos de histórias de vida, estória de vida, biografias e autobiografias.

Em seu ensaio *A ilusão biográfica* Bourdieu alerta para o abandono de uma perspectiva de que a vida é “como um conjunto coerente e orientado que pode ser apreendido como expressão unitária de uma intenção subjetiva e objetiva, de um projeto” (BOURDIEU, 1996:184). Considerando que uma vida não é um fim em si mesmo, e, portanto, não tem um sentido único, Bourdieu constrói a sua noção de trajetória que se define como colocações e deslocamentos no espaço. Essa noção nos faz abandonar a idéia de que “uma vida possa ser compreendida como uma cadeia de acontecimentos” (BOURDIEU, 1996:189).

A partir da noção de trajetória na apreensão dessas histórias passa por um processo de compreensão das inter-relações que existem entre o aspecto da abordagem biográfica, levando em consideração o que esses discursos infomam sobre o social, e o que isso remete ao interlocutor. Nesse diálogo entre a produção de narrativas singulares e seu contexto social, Mauss (1974), realiza considerações acerca dos relatos de vida como um método de apreensão do fenômeno social total, à medida que concebe em sua abordagem a sociedade enquanto fato social total. A partir desta perspectiva, Mauss considera que os depoimentos individuais são apreendidos como fenômenos totais ligados ao nível estrutural, onde “aspectos importantes de sua sociedade e do seu grupo, comportamentos e técnicas, valores e ideologias podem ser apanhados através de sua história” (QUEIROZ, 1988:28).

Ainda com Queiroz, os relatos biográficos não são apenas vidas que são reconstituídas pelo sujeito que a vivenciou, mas, sobretudo, traz nessas vivências “sistemas de representações e de valores em vigor em todas as ações e práticas sociais cotidianas” (QUEIROZ, 1987:29) que incidem na elaboração de uma memória compartilhada no desenrolar das narrativas.

Uma perspectiva particular se desenrola e a figura de um personagem portador de vivências compartilhadas no tempo/espaço vai se delineando num constante “jogo de lembrar e esquecer, de selecionar e resignificar as práticas sociais que situam os sujeitos como construtores singulares de conhecimento de suas histórias individuais e coletivas” (HALBWACHS, 2004:121).

Ao adentrar na “poeira da morada” nesse *jogo de lembrar e esquecer*, a memória social pode ser considerada enquanto:

Domínio de uma função fantástica, na sua insubordinação à ação corrosiva do tempo. É nela que inscrevemos o regresso aos tempos vividos, vocação de inteligência humana para enquadrar à descontinuidade das recordações empíricas, assegurando a toda a humanidade a continuidade de sua consciência (ECKERT e ROCHA, 2013:73).

Segundo Rocha e Eckert (2013), Maurice Halbwachs postula que a memória só pode ser uma duração no tempo enquanto lembrança do outro, “posto que, para trabalhar a memória, as nossas lembranças, dependem das lembranças dos outros”. A imagem de si é resgatada no presente contato, através das lembranças que criam sentidos num fluxo, construindo a si mesmos à medida que são construídas as narrativas, aproximando-nos da figura de *O narrador* de Benjamin (1985), que entende a narrativa enquanto um texto construído na relação com aquele que ouve.

A figura do narrador tem por dom o poder de contar a sua vida, o narrador é aquele que “poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida” (BENJAMIN, 1985:221). No sentido benjaminiano, “os sujeitos das situações biográficas reencontram e reconhecem, em sua narração, a identidade do “si mesmo”, sensibilizados pelo conhecimento de si como sujeitos”. (BENJAMIN, 1999:223).

Encontrar-se a si mesmo nesse ato de relembrar “sugere uma relação reflexiva com a trajetória histórica do sujeito e do coletivo o qual emerge” (ECKERT e ROCHA, 2013:242) no ato dialógico com aquele que ouve. Trata-se, no sentido que atribui Oliveira (1998), da “fusão de horizontes”: “o que significa que na relação dialógica que suscita no outro a inclinação a compreensão dos acontecimentos, é “incorporado em alguma escala, o horizonte do outro” (OLIVEIRA, 1998:68).

A escolha metodológica de uma abordagem biográfica foi se delineando a partir dos encontros etnográficos que foram pautados numa escuta densa das histórias de vida de Missi e de Seu Jorge a partir da elaboração de suas narrativas foram suscitados os principais questionamentos epistemológicos na utilização desta abordagem quando em suas narrativas apresentavam suas histórias misturadas a

memória de um grupo fortemente influenciado pelos ritmos marítimos na prática da pesca.

Esses narradores ao apresentarem em seus discursos suas histórias protagonizam e constroem representações individuais que são remetidas a um plano coletivo de uma comunidade pesqueira que realiza uma prática tradicional que perdura ao longo do tempo marcada por continuidades e descontinuidades.

2.1 Os narradores do povoado do Pontal de Coruripe

2.1.1 Missi: *vazios pela terra*

Missi: Esse tempo que eu morei em Maceió foi logo no início da minha juventude. Foi o que eu tinha o quê, cinco anos de idade que me levaram pra Maceió e eu voltei com quinze anos[...] Fui com um compadre da minha mãe. Eles precisavam de uma pessoa para estar limpando assim, lavando um prato, varrendo uma casa e fazendo companhia a esposa dele enquanto ele ia trabalhar. Aí ela foi e pegou a gente. Foi eu e minha outra irmã também. Eu tinha cinco e ela seis anos de idade.

Estamos sentadas na varanda de sua casa. É junho de 2013, faz bastante calor no Pontal. É fim de tarde e a casa está vazia. A casa é simples e acolhedora, localizada numa das ruas estreitas do povoado. Sentadas nas cadeiras, éramos cumprimentadas pelos vizinhos passantes. A primeira vez que vi Missi foi numa festa em sua casa. A festa estava cheia de rostos conhecidos e desconhecidos. Dentre eles o de Missi, que me foi apresentada como sendo a companheira de Elir, pescador há algum tempo.

Missi: Esse pessoal que eu morei em Maceió. Que a minha mãe, a minha mãe não sabe ler, meu pai não sabe ler. E esse pessoal me ensinou muito a tabuada, me ensinou a escrever, ler... A esposa dele botava assim pra sentar pra ficar lendo, estudando até chegar a idade boa de ir pro grupo. Eles tinha estudo. Ela me sentava no chão fazia a tabuada. Pegava assim os livro dela e me ensinava a ler. Aí, eu aprendi com eles[...] Por que a minha mãe tinha muitos filhos, né. Pra tá dando atenção a todos, estudo... E naquele tempo era difícil, naquele tempo era difícil.

Missi é a irmã mais nova de oito filhos que Dinalva e Geraldo tiveram, vinda de uma família simples com a mãe trabalhando em casas de família e o pai pescador, ela passou alguns anos de sua vida morando em casa de padrinhos em Maceió.

Os pais de Missi conheceram o casal Francisco e Anita, ainda quando Missi não era nascida. Geraldo, quando jovem era salva-vidas e nas idas e vindas pela praia conhece o casal que é de Maceió e vinha passar o final de semana no Pontal. “Aí a minha mãe os chamou para ser padrinho, eles aceitaram” (Missi). E quando Missi completou cinco anos foi morar com os padrinhos.

Nesse mesmo tempo, uma das irmãs de Missi também foi morar em Maceió na casa de outro padrinho. Dinalva, mãe de Missi desejava que as filhas pudessem receber educação e melhores condições de vida residindo com seus padrinhos.

Dinalva é lembrada por sua filha como uma mulher forte e que desejava o melhor para seus filhos. A mãe de Missi faleceu no decorrer da pesquisa acometida por uma doença que a afligiu por alguns anos.

Uma ambiguidade de afeto e trabalho é tecida pelos pais de Missi e seus padrinhos vindos de Maceió, de um lado, a família pobre de Dinalva e Geraldo com muitos filhos e sem condições de criá-los, do outro os padrinhos recém-casados que precisavam de uma “cria da casa”, no sentido de cuidar dos afazeres domésticos. E que vai auxiliar também nos cuidados com a recém-nascida do casal.

Uma relação de reciprocidade é estabelecida pelo apadrinhamento. Se desenha uma prática que remonta desde os primeiros tempos no Nordeste amplamente condicionado por um sistema patriarcal e escravista regido pela troca de favores em que:

A organização familiar e a vida doméstica não poderiam deixar de ser influenciadas por alguns dos elementos que marcaram profundamente a formação da sociedade brasileira e o modo de vida dos seus habitantes (Freyre, 2004: 56).

Essa prática é bastante comum no Nordeste e no Pontal são inúmeros os casos de crianças que são apadrinhadas mantendo uma relação de afeto e trabalho. Como é o caso de Ilma, cunhada de Missi que começou a trabalhar numa casa

como responsável pelos trabalhos domésticos quando não tinha nem quinze anos. Quinzenalmente Ilma deixa sua casa e seu companheiro para se dedicar exclusivamente aos afazeres da casa de sua *patroa*, como ela denomina. “Ela sempre gostou de mim e dela (se referindo a sua filha)”. Ao falar sobre a “ajuda” que recebe de sua patroa nos investimentos na educação da filha, Ilma assevera que faz “de tudo para a filha estudar, para vencer!” (Ilma)

Dos cinco aos dezesseis anos Missi morou em Maceió e todo final de semana ia para o Pontal com os padrinhos.

Missi: A minha mãe já tinha nove filhos [...] Naquele tempo era difícil. Todo final de semana a gente vinha e passava sexta, sábado e domingo. Eu chorava para não ir embora... lá chorando daqui pra Maceió”.

A infância e início da juventude de Missi foram marcados por essa mudança no curso de sua história, apontado por ela como um marco importante no que se refere aos aprendizados valiosos que vai receber nesse tempo que morou no bairro do Prado em Maceió.

Ao falar sobre esses primeiros momentos da infância fala da saudade de seus familiares e de seu lugar, das brincadeiras de criança e das responsabilidades domésticas que tinha na casa de seus padrinhos.

Missi: Eu fui para lá por que...Eles viram que meus pais tinham muitos filhos. A gente era umas meninas educadas. Aí foi e levou a gente para gente estudar. Para ensinar a gente a ser uma pessoa. Futuramente a pessoa ter o seu trabalho.

Ao completar seus dezesseis anos, Missi retorna para morar definitivamente no Pontal com seus pais. A amizade entre os padrinhos e Missi permanece até hoje (Missi ainda hoje costuma realizar trabalhos domésticos na casa de seus padrinhos quando eles vêm para o Pontal passar os finais de semana).

Missi: Aí foi quando veio à juventude, né? Começou aquele foguinho de querer namorar. Aí, eles (os padrinhos) não quiseram mais.

Missi retornou para o Pontal. Retomou os estudos que não foram levados muito adiante, pois foram interrompidos na sexta série. Foi nos tempos de escola que Elir e Missi se conheceram. Numa festa de São João. Logo em seguida

decidem abandonar a escola e iniciar uma história de cumplicidade e muito amor que já dura dezesseis anos.

A mudança para Maceió não só muda os rumos dos primeiros momentos da infância, como vai inscrever em Missi um discurso pautado num significado da escolarização enquanto um meio de alcançar melhores condições de vida. Este significado, nos tempos de meninice não eram compreendidos tão fortemente quanto nos tempos da chegada dos filhos e a expectativa de condições diferentes as quais o casal vivências por conta das incertezas de seus ofícios.

Missi: Era importante e um dia a gente ia precisar daquele estudo. Eu era aquela menina “vou nada para escola, estudar para quê?” “Hoje é o que os meus filhos dizem: “Minha mãe para quê estudar, homem! Todo dia abusa, esse negoço de estudar, acordar cedo para ir para escola”. “E é”?! Eu também dizia isso meus filhos, também dizia isso”. “Minha mãe me chamava, o pessoal me chamava para ir para escola”. E eu “para que ir para escola? Para que estudar?” Hoje eu estou aqui, se eu não botasse cabeça mesmo para pensar, estudar, eu estava com o meu trabalho. Por que tudo a gente vai passar um dia. Chega adolescente, chega a infância, um dia a gente cresce fica adulta e não tem um trabalho, né? Não depende de você mesmo. Tem que depender de você mesmo. [...] Bom, aí eu botei na cabeça assim, devido os meus filhos, né... por que o que eu tenho hoje eu não quero para os meus filhos. Eu quero que eles estudem, tem uns trabalhos bons. Dedicar aos estudos. Por que do estudo...você tendo uma cabeça boa, aprende aquilo, aquilo outro...faz um concurso, já passa.Faz um curso. Já manda lhe chamar. Por quê?!Por Que você é inteligente naquilo ali, né? Foi para frente com aquele estudo [...].

Desde os primeiros momentos de nossos encontros, Missi traz de um lado uma insatisfação e impotência com relação aos rumos de sua vida com a ruptura com a escola, e, do outro, uma resignação e satisfação desse acontecimento que foi imprescindível, segundo ela, para constituição de sua família com Elir.

P: Se arrepende por ter parado os estudos?

Missi: Bom, por uma parte eu me arrependo e outra não. Por uma, graças a Deus, Deus me deu dois filhos maravilhosos [...]. Não tenho o que dizer, graças a Deus. Agora por outra, sinto dificuldade, assim, por que não tenho o meu trabalho para poder também ajudar ele mais ainda, né? E ajudar os meus filhos também.

Missi faz uma reflexão sobre o fato de ter deixado os estudos, o que para ela foi decisivo na constituição de sua família com Elir, uma vez que, o casamento e a continuidade dos estudos eram opções excludentes.

Foi em uma festa de São João (festejo bastante tradicional no Pontal) que Elir e Missi se conheceram. “A gente conversou se dava certo ou não. Mas quando o amor acontece, tem que acontecer! Vive assim no dia-a-dia” (Missi). Os dois, nos primeiros anos de namoro, vão morar na casa da mãe de Elir. Nesse tempo, Elir vai começar a lidar com o mar. Inicialmente com a pesca de arrastão e depois com a pesca de linha.

Missi: [...] União, a pessoa não ficar só. Tem ali seu marido... tem a sua casinha, seus filhos. Todo homem, toda mulher quer ter sua família. Agora por que cada um pensa de uma maneira, né? De arrumar logo o seu trabalho para não está dependendo dele, né? Já tem outros que não tem filho, fica ali dependendo de marido. Eu não, faço minhas bolsinhas, vendo peixe na feira, tem a bolsa escola do meu fio e dá para ir devagarzinho eu mermo me mantendo e mantendo a casa[...] Até hoje a gente está vivendo. Nunca nos separamos. Sempre que ele vai fazer uma coisa conversa comigo [...] E assim unido no dia-a-dia para nunca se separar os dois. Como vai ficar as crianças, né? [...] Ele não faz nada sem me perguntar. Eu também não resolvo nada sem ele.

Aos poucos os dois vão construindo seu lar que fica a poucos metros da casa da mãe de Elir, na casa que hoje Missi me recebe. Com quase um ano de namoro, Missi e Elir tem o primeiro filho, Elias. Nesse tempo, eles já moravam na casa construída com muito esforço e fruto do trabalho de Elir como pescador.

Missi: Quando ele logo começou a pescar, eu ficava só na casa[...] Eu só tinha o mais velho, era pequeno. Eu nem dormia aqui, eu ia dormir na casa da minha mãe que eu tinha medo de dormir cedo, menino pequeno...eu não ia sair de madrugada, uma hora da manhã sozinha para casa dos meus pais. Aí, toda semana que ele ia pescar, arrumava as coisas e ia para casa da minha mãe, dormia lá. Quando chegava a gente vinha ficava aqui. Aí, foi que engravidei de novo, aí tive a menina, aí não tive mais medo[...] Assim: costume dele não está ali do meu lado. A pessoa dormir só é muito ruim, a gente sente falta.

Esses primeiros momentos da relação de Missi e Elir são muito difíceis para ambos. Eles são jovens e lidam com a escolha que fizeram em nome do amor que sentem um pelo outro. Amor este que dará força para enfrentar os acontecimentos dessa vida.

Missi: Se não for Elir para maré pescar, não paga, não come, né?! Para pagar a alimentação. Pagar a feira e tudo.

Missi enaltece o fato de Elir ser trabalhador, inteligente. “Ele não é daquele homem que fica sentado esperando cair do céu. Ele batalha mesmo. Ele se esforça muito, ele batalha... a pessoa dizer assim: “óia, chega da maré e fica aí dentro de

casa assistindo. Comendo e dormindo”. Não, ele batalha muito, muito mesmo! ”
(Missi)

Os atributos que Missi dar a seu companheiro reafirmam a existência de papéis de gênero a serem desenvolvidos. Assim como Elir também traz essa temática para o seu discurso. Em ambos os discursos são ressaltadas expectativas em relação aos papéis a serem desenvolvidos pelos parceiros sem que estes não sejam passíveis de serem flexíveis e até mesmo invertidos a depender das situações.

Parece que as expectativas e as atribuições dentro do relacionamento podem ser mais bem acomodadas se vistas como um ponto de partida para organização de papéis e não de maneira inflexível e estanque. Importando muito mais a manutenção da relação e das obrigações domésticas alinhadas à uma solidariedade que Missi e Elir construíram nesses anos de casamento.

Elir passa de cinco a doze dias pescando em alto mar. Enquanto isso, em terra, Missi vivência dilemas referentes à educação dos filhos em relação à ausência do pai.

Missi: Quando ele está fora, eu fico com meus filhos, levo para escola, para dar banho, café e tudo. Aí, é assim o dia-a-dia. Quando ele volta já é melhor, as crianças já atendem mais ele do que eu. Aí já fica melhor[...]por que meus filhos obedecem mais a ele. Aí já fica um pouquinho mais difícil a criação, principalmente com criança e agora que meu filho vai fazer treze anos. A responsabilidade já está indo mais adiante. É por que não fica a responsabilidade só em cima de mim. Já fica mais em cima também do pai. Mas se for aquele pai que entra e sai de dentro de casa. Agora quando já tem um que fica ali, ele chega pergunta “se os meninos já fizeram o dever. Ele pega o caderno dos meninos olha se está direitinho os cadernos. Ele manda os meus meninos ajeitar as letras [...]

Com o tempo Missi e Elir se organizam para construir um barco para ele pescar. Esse momento é relatado por Missi em um de nossos encontros:

Missi: “Você quer que arrume a casa, ajeite os móveis todos? ” (Elir) “Não, vamos fazer um barquinho para você pescar” (Missi). Aí pronto, a gente fez o barquinho da gente. É pequeno, mas é da gente.

Missi: [...] Sem um estudo a gente não tem nada na vida. Se você não tiver um estudo melhorzinho, que uma faculdade, que faça isso, faça aquilo... Não tem um emprego bom! Por isso, a gente tem que se dedicar aos

estudos. Por que o estudo é a única coisa que a gente vai ter na vida. É devido ao estudo que vem o seu trabalho.

Ainda que sob perspectivas diferentes traça-se entre nós um espaço de compartilhamento de significados comuns. Desde nosso primeiro encontro, Missi demonstra estar comprometida com o meu trabalho por reconhecer na minha presença uma aspiração que ela constrói para seus filhos. “Espero ter ajudado no seu trabalho”, é desse modo que ela encerra a primeira gravação de nosso encontro.

Essa preocupação dá pistas de uma trajetória atravessada pelo reconhecimento de um *saber* como forma legítima de conhecimento. Traça-se um espaço de compartilhamento de sentidos com relação a um conhecimento legitimado. A importância de uma trajetória escolar não é entendida por Missi nos primeiros anos escolares quando ela se confrontava com escolhas que se aparentavam antagônicas: o percurso escolar e o anseio em constituir uma família. Ao falar sobre as trajetórias escolares de seus filhos ela demonstra um entendimento de sua importância pautando-se em sua própria experiência:

Missi: É bom o trabalho da gente da pesca, é bom que ganha um troquinho, mas só que eu não quero isso para os meus filhos por que o que a gente passou e ainda hoje está passando para criar eles... Eles tão vendo as dificuldades. “Vocês vão querer isso para vocês, por isso a gente manda vocês estudarem para ter o seu trabalho”.

P: Quer que eles façam faculdade?

Missi: -Ehhh, quero, quero muito amiga. Fazer sua faculdade, quero que minha menina faça faculdade sim!

P: Eles querem fazer?

Missi: Querem, querem... Meu filho (Elias) de treze anos já... Ele já sabe mexer com computador, sabe procurar, pesquisar para o pai dele negócios de barco, GPS...ele procura.

Missi demonstra ainda que com algumas limitações com relação aos conhecimentos específicos solicitados pela escola, o interesse no andamento das fases escolares dos filhos, auxiliando-os nas suas atividades e na elaboração de uma rotina de estudos diários. Ela se esforça em dar todo suporte possível, além de introjetar em seus filhos (Elias e Esheley) a criação de sentidos mais duradouros em relação à escola, a partir de sua própria experiência que é utilizada como um exemplo a não ser seguido.

Missi: Se eu não soubesse ler era que ia ser pior para os meus filhos, eu sei ler, faço conta para eles no caderno. Pergunto a eles se tem dever. Fico ali no pé deles.

Missi não desmerece o ofício da pesca nem o do artesanato- as principais atividades econômicas realizadas para a manutenção de sua família, mas pontua as dificuldades e incertezas que marcam essas duas atividades.

Missi: No artesanato, na pesca a gente não ganha isso tudo. E outra, não recebe como um trabalho fixo mesmo em que você recebe todo mês certinho, que chova ou que faça sol, está ali depositado. É só você passar o cartão, recebe! E a gente de artesanato ainda vai fazer o artesanato, ainda vai aventurar para vender [...] A bolsa ainda vai vender. Quando recebe é com dois meses atrasados. Como vai se organizar desse jeito?! A pescaria também. Uma semana dá na outra não dá. Final de mês você pode ter e pode não ter. E o seu trabalho certinho todo mês você está ali trabalhando todos os dias. Chega no final do mês “está aqui o seu dinheirinho”.

Elir e Missi não tiveram escolha quanto aos ofícios que realizam. As oportunidades de atividades econômicas no Pontal não são muito diversificadas, ainda mais com o grau de instrução que ambos tinham na época, só lhe restou “batalhar” no mar.

Missi: [...] A pescaria, a pessoa vai fica lá pescando... já que não tinha outros meios, deixar o estudo para pescar. Tem outros que deixa o estudo vai ser pedreiro. Ele já deixou o estudo e foi pescar por que aqui o que tinha para fazer. Não foi escolha, já que só tinha aquilo para fazer foi fazer aquilo. Aqui não tem uma fábrica, não tem uma loja. Se tivesse assim um comércio aqui o Elir já tinha arrumado um trabalho. O Elir é inteligente! [...] O Elir pesca realmente por que tem que pescar e não tem outros meios e não tem um trabalho assim devido aos estudos que só tem até a sexta.

No momento de nosso terceiro encontro o casal passa por momentos difíceis, o barco deles estava parado por conta de uma peça bastante cara que havia quebrado e com o dinheiro que eles tinham guardado no banco não dava para adquirir uma outra peça. Esse acontecimento ocorreu numa semana “sem lua”, que representa uma semana propícia a bons resultados em alto mar, por conta da pouca luminosidade o que deixa os peixes mais acessíveis a captura.

Esse foi um dos encontros mais tensos entre nós. Missi estava bastante preocupada com as incertezas econômicas que pairavam sobre sua família nesse tempo.

P: Você consegue guardar algum dinheirinho?

Missi: Consigo, às vezes a gente está muito apertado a gente vai na Caixa tira um trocadinho, faz a feira! Tem dia quando a pescaria não dá aquele mês. Dá aquele vento forte, né? É chuva... Aí já tem aquele trocadinho na caixa, aí já tem para alimentação dos seus filhos. Por que se não for pensar nisso [sobre a organização das finanças da família] chega o tempo ruim e não arruma nada.

Foi com Elir que iniciei as primeiras incursões nos saberes relacionado à pesca.

Elir: “A pesca, a gente sai para pescar... pescar sai um dia e não sabe o dia que chega. A gente pode pegar tempestade, o barco pode quebrar [...]. É difícil, tudo no mar é difícil”.

Em nosso primeiro encontro para conversarmos sobre a pesca, Elir me levou para praia e lá contou os dilemas enfrentados pelos pescadores, explicou sobre a rotina do pescador, as dificuldades já enfrentadas em alto mar, apresentou seus amigos pescadores, mostrou a balança, local onde os peixes são pesados. E neste mesmo dia marcamos um passeio no mar com seu barco. No dia marcado, partimos em um barco menor que nos levaria ao seu barco, para que ele me mostrasse como era a sua rotina em alto mar.

Neste dia, Elir mostrou os principais instrumentos utilizados na pesca, conversamos sobre a solidão e os perigos em alto mar. Explicou sobre os usos de tecnologias que diminuía as possibilidades de se ficar sem localização, como por exemplo, o GPS e o rádio, instrumentos estes que Elir domina e salienta que a maioria dos pescadores ainda não sabem muito bem como funciona esses instrumentos de localização.

Elir nasceu no Pontal, sobre os tempos de juventude conta uma história que lhe marcou bastante. A história é sobre um encontro com um senhor vindo de São Paulo:

Elir: Eu conheci uma vez um cara de São Paulo, eu tinha parece que dezesseis ou dezessete anos, quando eu conheci ele. Aí a gente conversando na praia, aí ele disse:

- “Oh Elir, ali da ladeira do Pontal, né?! Elir, você sabe o que foi isso aqui antigamente? ” Ainda em suas explicações: - “O mar há milhões de anos era aqui, ele batia nessa ribanceira (Ele me explicou que o mar alcançava a principal rua de acesso ao Pontal) e sabia que daqui a milhões de anos ele vai vir para onde ele era. Não é agora. Seus filhos vão morrer, vai vir outra geração... mas que ele vem para aqui ele vem! ”

Elir: Ele conversava muito comigo sobre o mar, a natureza, sabe?! Agora só tinha um problema, ele gostava de lugar isolado e quando aqui começou a crescer ele foi embora.

No povoado é bastante comum a presença de pessoas vindas de outras regiões, inclusive de outros países. Esses turistas vêm para conhecer o lugar e acabam se instalando temporariamente ou de modo permanente. Nos tempos que estive por lá caminhando sobre a praia conheci um jovem senhor vindo do Rio de Janeiro para o enterro de sua mãe. O senhor havia ficado encantado pelo lugar e pensava em passar os restos de seus dias por lá.

Por ser um lugar turístico e com ares de um litoral ainda pouco modificado pelos avanços da modernidade, o povoado atrai muitos estrangeiros e pessoas que procuram afastar-se das grandes cidades marcadas por seus ritmos frenéticos.

Foi com um amigo que Elir aprendeu o ofício da pesca, primeiro sendo pescador de rede e depois construindo ao lado de Missi o primeiro barco do casal.

Elir: Eu era muito inteligente. Pediram para eu voltar para a escola e eu não quis. Por que quando eu decidi casar com ela, morar mesmo tem que ter um sustento. Aí, tem um colega meu. “Vamos porra lhe ensinar a pescar”. Fui aprendendo a pescar. Levava muito acerto, querendo desistir. Eu só enjoava de jangada.

Assim como Missi, Elir ao falar sobre seu filho seguir o mesmo caminho que ele, diz: “Não quero que siga a mim não!” E se utiliza de estratégias para que Elias não queira ter o mesmo ofício que ele, levando-o para o alto mar em dias de mar revoltoso.

Elir: É meu filho, queira ser não, que é assim o dia-a-dia. Para ficar com medo, para ele procurar outra coisa para crescer na vida.

Ao contrário do que muitos pescadores ainda fazem ao incentivar seus filhos a seguirem pelo mesmo caminho, Elir se mostra contrário, só no caso de “não ter recurso ou se Elias optar por se casar cedo”.

Elir: Por que você acha que hoje em dia tem futuros melhores ainda para uma criança crescer e ser alguém na vida. Eu vou ensinar meu filho, como eu vejo muitos pescadores incentivando os filhos de sete, oito, dez anos ficar levando para barco e trazendo. Criança não estuda mais não. Criança não estuda por que só quer aquilo. Já que não precisa estudar para ser pescador, quer sair da escola para ir para praia acompanhar o pai. Por que já está colocando na cabeça que quer ser pescador. Tira mais não.

Elir que me mostrou os primeiros conhecimentos ligados à pesca, sempre esteve bastante preocupado com as questões ambientais do lugar, desde que fez um treinamento para prestar serviço à Petrobras, fala que “sua visão com relação ao ambiente mudou por que a gente não tinha essa educação” e que vem realizando práticas que visam diminuir o impacto ambiental de sua presença em alto mar a partir destes conhecimentos apreendidos. Relata ainda que muitos pescadores “não têm essa mentalidade e que sujam mesmo”.

É nas ausências de Elir que vão se estreitando meus diálogos com Missi, seja por estar ocupado nos afazeres da colônia em sua função de tesoureiro; prestando serviços à Petrobrás ou nos longos dias que passa em alto mar.

P: Como é que você se sente quando ele está fora?

Missi: Sim, sinto bem por que ele está procurando, né?!E sinto um pouquinho... como é que se diz?! Falta dele, que ele não está em casa todos os dias para estar lidando com os meninos. Ah fica difícil, né?!Um pouco difícil. Fica um vazio dentro de casa, eu sinto um vazio quando ele sai para pescar. É um vazio, um vazio mesmo...Quando ele sai para maré eu sinto aquele vazio dentro de mim, um vazio mesmo...Nem eu consigo explicar esse vazio...É difícil. [...] Aquele vazio que vem e quando é aquele vazio de quem perde, aí que fica um vazio mesmo dentro da gente. Não consigo nem de imaginar.

P: Mas você imagina?

Missi: Ah, imagino...Por que a gente nunca está descansada, né?!

No início da abordagem do tema do vazio, ao falar sobre as ausências de seu companheiro por conta de seu ofício, Missi colocava inicialmente a sensação experimentada como uma falta que ao longo dos encontros vai tomando forma de um *vazio*, a princípio inexplicável por ela. A palavra *vazio* é recorrente quando ela se depara com temas relacionados ao sentimento que se estabelece na ausência de Elir. No percurso do encontro adentramos num espaço desconhecido, um lugar que é experimentado ao ritmo das marés e as fases da lua, quando Elir vai pescar.

O vazio que ela coloca é “materializado” em situações em que a ausência de seu companheiro é sentida ao longo dos dias em que Elir estar em alto mar. Missi, ao habitar o quarto do casal (em um de nossos encontros ela me apresentou sua casa e ao chegarmos no quarto do casal, ambiente íntimo de encontro entre os dois, ela representava para si a presença invisível de Elir). É neste espaço de representação

de seu companheiro que Missi “representa a existência sensível daqueles com quem entro em contato em certos momentos” (HALBWACHS, 2006:12).

Vão se tecendo lembranças de seu companheiro que são representadas nos momentos, como ela coloca: “[...] a pessoa passa a mão assim na cama... Dentro de casa, ele gosta de assistir os jornais. Venho assistir os jornais ele não está no sofá[...]”. São circunstâncias colocadas por Missi em que as lembranças são despertadas no momento em que experimenta o vazio, podendo ser entendido como “o tempo vazio” Halbwachs (2006), “[...] momento em que ocorrem cortes que tendem a se estender às durações e às consciências das outras pessoas”. “[...] será possível imaginarmos que se desenrola uma espécie de tempo vazio” (Halbwachs, 2006:14).

Com relação a possibilidade de enfrentamento de um vazio no que se refere aos riscos de Elir não voltar do mar, ela coloca:

Missi: Penso, penso... penso muito quando ele vai para alto mar. É um risco, muito bem sai, mas ninguém sabe o dia que chega. Só sabe Deus[...] Os filhos já é uma companhia da gente dentro de casa, né?! [...] Tenho amigos que foram para o alto mar e não voltaram. Saiu o barco da Petrobrás e não encontrou até hoje, nem corpo e nem nada. O mar a pessoa vai, mas também não sabe se volta, só quem sabe é Deus.

O mar é descrito por Corbain (1989) em seus estudos sobre a praia e o imaginário ocidental como um ambiente marcado por uma “densidade de conflitos que se manifestam nesse território suspenso”. O mesmo mar que Missi entrega Elir, sob um discurso de quem acredita na providência divina, pois não há outra possibilidade de enfrentamento das inconstâncias da natureza.

2.1.2 Seu Jorge: *olhos rasos pelo mar*

Seu Jorge: [...] Agora, só que eu via você... Passava aqui e ficava naquela casa ali, olhando lá. Você passava...

Ainda nos tempos dos primeiros encontros com o Pontal quando surgiram os primeiros interesses de pesquisa costumava caminhar nos fins de tarde, passear

pelo lugar com a intenção de apenas contemplar o poente do sol, acompanhava esse momento em um lugar que desde a primeira vez que o vi fiquei impressionada. Já faz um tempo que isto ocorreu, quando criança meus pais organizaram uma viagem de carro para percorrer o Litoral Sul fazendo paradas pelas suas praias e pontos turísticos.

Esse foi um dos melhores passeios que fizemos e que nunca mais se repetiu. Passamos por várias praias conhecendo, tirando fotos que por sinal nunca foram reveladas. Dentre esses lugares passamos pelo Pontal de Coruripe e lembro-me de ter ficado impressionada, talvez por conta da minha pouca noção na época, com o fato de uma rua acabar no encontro com o mar. Essa lembrança do Pontal marcou-me bastante, foi uma mistura de incompreensão e beleza. Diminuída a incompreensão, restou a beleza.

Esse lugar que é parada obrigatória para os que estão de passagem pelo Pontal, não chega a ser um ponto turístico, é apenas uma rua com algumas árvores e casas em que se construiu uma espécie de mirante e que é frequentado como ponto de contemplação do mar em sua imensidão e o pôr do sol, mas que nos dias de semana, de pouco movimento de turistas é mais um lugarzinho em que de vez em quando chegam moradores para conversar, namorados se encontrarem e meninos brincarem.

Durante as caminhadas que realizava pelo Pontal, Seu Jorge estando em sua lanchonete, havia percebido minha presença e antes mesmo de nos conhecermos ele mencionou ter percebido minha presença no lugar, como também, já tinha o visto em seu estabelecimento, com o olhar contemplativo pousado sobre o mar ou em conversas calorosas com seus amigos que ali chegavam.

Em conversas com Missi e Elir ao perguntar sobre eles terem conhecimento sobre algum morador antigo do Pontal logo o nome de Seu Jorge surgiu como referência no lugar. Depois desta conversa segui para o estabelecimento de Seu Jorge que pelo que me indicavam era o mesmo que já havia observado. Quando cheguei à sua lanchonete ele se mostrou bastante interessado em me ajudar mesmo

sem saber ao certo do que se tratava, pois não tratei de maiores detalhes nesse primeiro momento, mesmo assim, já marcamos um encontro para conversarmos.

Na hora marcada fui até o seu estabelecimento que fica localizado na “rua grande” (é o termo utilizado por Seu Jorge para denominar a rua em que mora, uma das ruas mais antigas do Pontal). [...] “Era a única rua que tinha assim, tipo um comércio, as outras já veio depois, fazendo ruas, casas” (Seu Jorge). Fui recebida por Seu Jorge que já me esperava na companhia de alguns amigos que já sabiam da minha vinda e que ao longo dessa conversa interviam e compartilhavam suas vivências e foi nesse ambiente amigável que comecei a conhecer a história de Seu Jorge e que pude explicar melhor os motivos que me levaram a conversar com ele, como morador “antigo” do Pontal.

Seu Jorge: Meu pai me contava que ele veio muito jovem mesmo, então meus pais chegaram aqui muito jovem. Foi crescendo, crescendo por que eles vieram de um lugar chamado Baixa Verde era um lugar que tinha aqui para cima. Sertão. Vieram ele [pai de Seu Jorge], dois irmãos e uma irmã e os velhos, né?! O velho (avô de Seu Jorge) quando chegou aqui deixou a esposa e viajou para banda de Sergipe... Para comprar uma foice. Saiu dizendo que ia comprar uma foice e não voltou mais. [...] Aqui era uma ilhazinha de pescador, era quatro casinhas de palha, né?! Aí foi crescendo, crescendo, a população vai crescendo, um filho casa aí já tem outra família... Aí vem gente de fora compra terreno. E hoje em dia está esse povoado, né?! Mas ainda é povoado!

Filho de José Antônio dos Santos, mais conhecido como Baixo Verde, e Dona Laura dos Santos, Seu Jorge nasceu no Pontal na casa dos pais e aos doze anos seu pai lhe ensinou o ofício da pesca. Acompanhou de perto as transformações do povoado. Em um de nossos encontros Seu Jorge me apresentou com muito entusiasmo o livro *Bico: O filho de um jangadeiro brasileiro* de Leona e Shepard Forman, a obra traz uma narrativa lúdica a despeito da perspectiva de um menino chamado Bico, trazendo valioso material visual do lugar na década de sessenta e que em meio às reflexões acerca do lugar e com a confiança de Seu Jorge, é uma das bibliografias consultadas da pesquisa.

O livro é bastante apreciado por ele, que demonstra um forte vínculo com o Pontal através de uma “rede de amizades” em que ele vai tecendo em pormenores as trajetórias dos “personagens” que aparecem no livro. Seu Jorge me apresenta seu pai em meio às lembranças. Na foto, o pai de Seu Jorge aparece capturando um

tubarão, neste tempo essa prática era bastante comum, assim como, a captura de tartarugas.



Seu Jorge: A gente saia daqui para feira de lá de pés, muitas vezes três horas da manhã. Caminhando para vender o peixinho. Aí quando nos vinha trazia a farinha, o feijão, o arroz. [...] Na festa de Bom Jesus dos navegantes as brincadeiras eram todas aqui. Vendia bolo, vendia aquelas broas, vendia castanha, tudo, tudo.



Escutando essas lembranças de Seu Jorge era possível ir montado um quadro de imagens dos festejos que aconteciam no Pontal antigo e das caminhadas para freira que eram feitas a pé e no escuro.

A festa que Seu Jorge menciona em suas memórias é uma tradição que já atravessa dois séculos, a festa de Bom Jesus do Navegante é organizada pela Igreja junto com a Colônia de Pescadores Z-10⁹ e com a prefeitura de Coruripe. Ela é uma das principais festas realizadas no povoado. Figura como um importante evento religioso e turístico do Pontal.

Os festejos são realizados no segundo domingo de janeiro e têm início com centenas de pessoas cortejando o padroeiro Bom Jesus dos Navegantes percorrendo as ruas do povoado em procissão, rezando e cantando até a beira mar, onde dezenas de barcos saem em uma procissão fluvial que pode durar até quatro horas. Ao retornarem à praia é realizada uma missa. Além disso, são montadas feiras, parques de diversão e são realizados vários shows com bandas locais.

A festa simboliza a renovação de votos ao santo protetor dos pescadores. Nestes dias de festa o santo é reverenciado e comemorado unindo-se aos agradecimentos e pedidos relacionados aos ganhos na pesca. Para os turistas é uma festa tradicional do Pontal bastante aguardada pelos seus festejos a beira mar e pelo clima festivo do lugar nessa época.

Numa conversa entrecortada por barulhos da rua e grandes pausas de Seu Jorge, a conversa seguia como ele mesmo diz “naquele joguinho”. Ao falar da lida com o mar que dentre outras “habilidades” exige parcimônia e foi nesse ritmo que a conversa seguiu. Com a voz pausada Seu Jorge continuava:

Seu Jorge: Ele (pai de Seu Jorge) me explicava sobre a vida na pesca[...]

A gente ia pela linha, pela sassanga¹⁰ até chegar... Até chegar no ponto... sassangando... A primeira vez que a pessoa vai quem dá toda a dica é o

⁹ A Colônia dos Pescadores Z-10 do Povoado do Pontal foi fundada em 1921, hoje tem cerca de 2500 pescadores associados

¹⁰ Sassangando é o termo que Seu Jorge traz para o encontro para contar como os pescadores faziam para medir a profundidade do mar.

profissional, né?! Ele pega a linha, o anzol, ele mede como é que você vai largar aquela linha. Até a segurar ele ensina. Quando o peixe pega se você não aguentar entrega para ele, para ele puxar. [...] Lá (no mar) eu não comia e quando chegava em terra eu não comia também, enjoava. Um enjoo da maré [...] Dormia lá em cima de uma bolina, uma tábua, eu ficava lá, um sol quente e um frio que chega ficava tremendo [...] Aí, fui me acostumando. Depois eu já ia sozinho. [...] Eu mesmo vomitava muito. Então, eu me acostumei mesmo por que não tinha emprego nenhum. Era só a pesca, e tirar coco eu não sabia. Até hoje eu não subo um palmo de coqueiro [...] Tentei, mas não consegui não.

É neste “território suspenso”¹¹ que Seu Jorge faz suas primeiras incursões no fazer-se pescador junto ao seu pai, cuja experiência acumulada nos anos de pesca é comunicada ao dar-lhe conselhos na lida com o mar, uma prática tão cara a figura do narrador, segundo Benjamin (1985). Conselhos que são transmitidos no ato da pesca, em meios aos ritmos do trabalho. Foi com o irmão mais velho que o pai de Seu Jorge aprendeu o ofício da pesca. Seu Jorge conta que seu pai era pescador “profissional”. Era assim denominado “por que ele sabia muitas coisas do alto mar (Seu Jorge).

Na geração de Seu Jorge, os meninos eram introduzidos bem cedo aos aprendizados que envolviam a pesca, havia casos de meninos com sete anos já serem iniciados.

Seu Jorge: Eu na época, se tivesse emprego aqui, eu não tinha dado para ser pescador. Por que eu ia para o alto mar, mas quando eu voltava, voltava doente. Não comia. Vinha tonto, como que tivesse tomado um porre de cachaça, entendeu?!

Passava o dia... Mas no outro dia tinha que enfrentar de novo. Botava tudo para fora [...] Mas eu fui me acostumando, acostumando. Hoje em dia se eu for é a mesma coisa que está aqui. Não sinto mais nada. Não era todo mundo que ia. Mas eu não tinha outro emprego, precisa de um dinheirinho. Mas hoje quando eu vejo o tempo bonito, aqueles homens indo para o alto mar me dar aquela saudade, muita vontade mesmo.

¹¹Alain Corbin, em estudo sobre a praia e o imaginário ocidental, assim descreve o ambiente do mar ao falar “da densidade de conflitos que se manifestam nesse território” (Corbin, 1989:214).



Seu Jorge aos dezoito anos é convocado para servir o exército, esse tempo é lembrado por ele com certo tom nostálgico, revivido como um momento cheio de realizações, principalmente pelo fato de que neste período que passou no serviço militar ele pode praticar aquilo que desde a infância havia tomado gosto e que até então lhe era reservado pouco tempo para se dedicar, a saber, os esportes. Seu Jorge conta com entusiasmo sobre sua forte inclinação para os esportes e que foi servindo no exército que pode praticá-los cotidianamente, pois jogava na seleção do quartel.

Na época apesar do bom desempenho e com forte possibilidade de seguir nesta carreira, Seu Jorge não sabe explicar ao certo sobre a mudança nos rumos de

sua futura carreira profissional, diz apenas que foi “Burrância minha, minha filha [...]Não quis! Chance eu tive e muita, está entendendo?! Por que eles não queriam que eu saísse. Eu fui quem pedi ” (Seu Jorge). Ao cumprir com as obrigações civis, Seu Jorge segue direto para o Rio de Janeiro para trabalhar, lá permanece por cinco anos e é lá também que nasce seu primeiro filho.

Passados os cinco anos no Rio de Janeiro. Seu Jorge muda para Sergipe, trabalhando em Aracaju inicialmente numa gráfica na qual é despedido com pouco tempo de trabalho. Segue sendo servente de pedreiro e em seguida vai trabalhar em uma empresa de pesca. “Procurei trabalho e não encontrei. Digo: vou é pescar! Que eu sei pescar! ” (Seu Jorge)

Ao longo de nossas conversas Seu Jorge relatava as histórias do lugar a partir de sua experiência pessoal, a partir de seus encontros pessoais com a gente do lugar em um tom de uma narrativa biográfica marcada por uma serenidade e resignação com os acontecimentos de sua vida, até os acontecimentos mais intempestivos eram contados no mesmo tom seguindo sempre a sua cadência “naquele joguinho”, como quando me contou sobre uma aventura que vivenciou em alto mar:

Seu Jorge: [...]Essa foi a pior. Já enfrentei muito trovão, relâmpago. Tempestade mesmo no alto mar... Quando a gente estava lá de repente formou-se uma nuvem e essa nuvem[...] nós chamamos bomba de vento. É que nem um funil, um funil mesmo! A parte de cima bem cheia e embaixo vem afinando... O vento vem ali, o temporal vem ali. Vem fazendo aquele rodaminho embaixo. Aquela barroca faz um buraco mesmo! Fez-se dentro do mar e se aproximou da gente. “Lá vem, lá vem, lá vem...” O mestre lá com a experiência dele. Aí foi lá fez uma Salamão¹², na cabina do barco. E quando já estava próximo mesmo, aí ele cavou a faca assim no meio, no Salamão, nós tudo aí vendo ele fazer tudo. De repente a ventania que vinha atrás da gente aí ele desviou. Saiu descendo assim e água fervendo como se tivesse fogo, aquela laboração, sabe?!Eee, passou direto para lá e a gente aqui ele só veio só. A ventania bem forte e o barco querendo até virar. Graças a Deus, a mão de Deus é mais poderosa. Fez o milagre dele, aí passou o vento forte, continuou. A ventania ficou bem forte. E nós “vamos embora, vamos embora[...] Colamos a âncora em cima do barco e dirigimos, só que não era motor era vela, abrimos só o meio da vela. Não conseguimos. Abrimos a vela totalmente, mas a ventania era demais. Aí depois quando foi anoitecendo e nós não estava vendo nada, nada, nada

¹² Salamão é uma espécie de bússola improvisada, utilizada por pescadores antigos. Que exigia muito intuição de quem o manjava além de um domínio sobre a natureza.

mesmo. “Vamos larga a poita¹³ aqui e ver onde nós estamos”. Não tocou não[...] E depois nós foi ficar de frente pra Lagoa Azeda e no outro dia amanheceu calmo. Nos fincamos o mastro e chegamos aqui[...] Aí, pronto! Foi o temporal mais forte que nós pegamos, foi esse! Umas seis horas da tarde começou essa aventura.

Essa aventura, como Seu Jorge relata, aconteceu ainda quando ele era aprendiz de pescador. Neste relato pude perceber uma maior vivacidade no seu contar, sem que para isso recorresse a uma dramatização que beirasse ao heroísmo destes homens. Sempre ressalta em seus relatos relacionados à lida com o alto mar a necessidade de se ter parcimônia nestes momentos em que não “sem ter em que se agarrar”. Seu Jorge, ao falar sobre as habilidades necessárias em alto mar, ressalta dentre outras, que o mar exige um *jogozinho*. Habilidade que se expressa na capacidade de manter-se sereno frente as adversidades do mar, como quando ele esteve à deriva com seus companheiros.

Corbin (1989) em seus estudos sobre a praia e o imaginário ocidental, ao analisar um conflito entre pescadores, descreve uma predisposição dos pescadores em atribuir um caráter divino as fronteiras das águas no agenciamento de seus conflitos. É bem comum dentre a comunidade de pescadores do Pontal uma mesma predisposição, tanto dos que se lançam no mar como os que aguardam o retorno dos pescadores.

Seu Jorge me conta que sempre foi bastante namorador¹⁴, no Rio de Janeiro teve seu primeiro filho, em Sergipe teve mais dois filhos e quase se casou. Quando ainda morava em Sergipe foi passar férias no Pontal e reencontrou Maria José, uma antiga namorada dos tempos da escola.

¹³ É como os pescadores chamam a corda que amarra a ancora.

¹⁴ Ao contrário do que Alain Corbin vai descrever sobre os “marinheiros”, “pescadores” ou os “homens da costa” e sua disposição para “a vivacidade e o gosto da dança, a paixão irrefreada, verdadeira tempestade interior, à propensão a embriaguez. Seu Jorge se distancia desta descrição, mas em seus relatos sobre outros pescadores muitas dessas disposições são apontadas por ele, principalmente a que se refere à embriaguez colocada muitas vezes como uma das principais causas de desajustes domésticos no que se refere ao provimento da família do pescador.

Namoraram por um ano e logo em seguida começaram os preparativos para o casamento. “Eu vim para cá. Aí pedi aos pais, né?! Ela quis também. Aí eu disse a ela que não ia custar muito, nos se casar. Aí quando eu vim trouxe a aliança. Casamos aqui na igreja” (Seu Jorge).

Os planos de Seu Jorge e Maria José eram de ir morar em Aracaju, ele já estava até construindo uma casa, mas com a morte da mãe de Maria, eles decidem ficar no Pontal para cuidar de seu pai que na época negociava peixe e possuía uma embarcação. “Aí ela disse se eu aceitava morar aqui com o pai dela [...] Mas eu tinha comprado o terreno lá em Aracaju, tive que vender, né?!” O pai de Maria José ainda hoje mora com o casal. Um senhor já bastante idoso que em algumas conversas na lanchonete nos acompanha e às vezes faz algumas intervenções confusas e de pouco entendimento.

Numa de nossas conversas Seu Jorge menciona que fazia aniversário naquela data, septuagenário de vinte sete de outubro. Ele conta o motivo pelo qual teve que se aposentar, assunto este que ele tratou superficialmente em nossos primeiros encontros e que só passado algumas conversas retomou este tema.

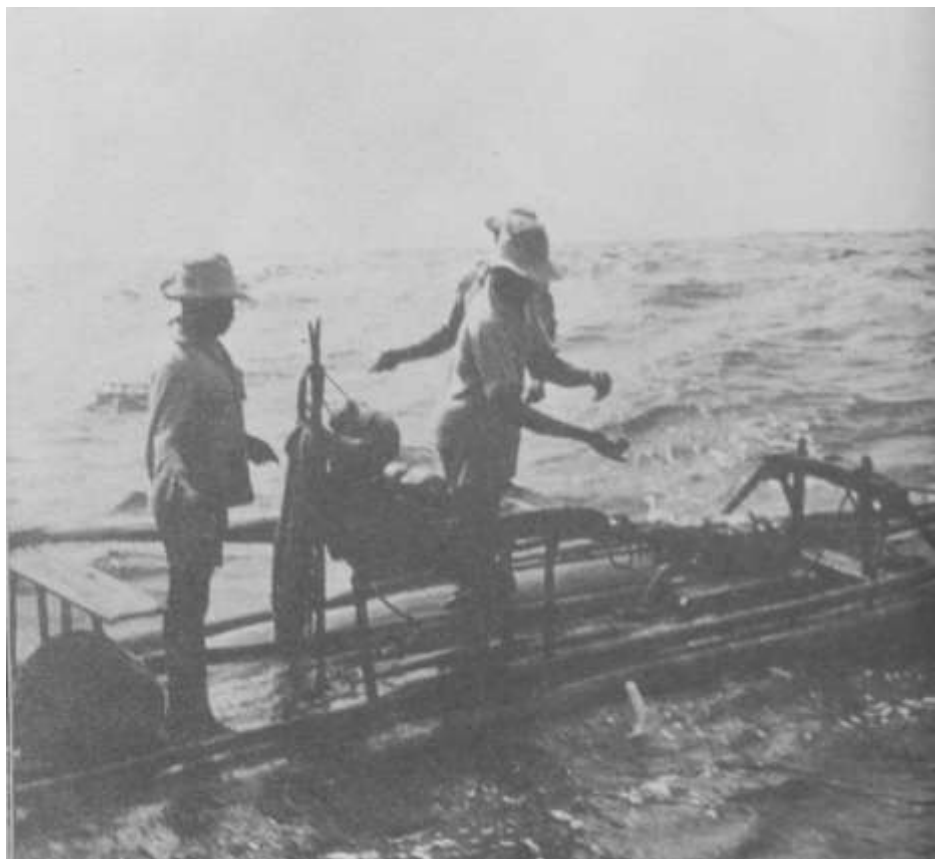
Seu Jorge: Foi problema de saúde [...] Que eu fui no alto mar, aí quando eu voltei de manhãzinha, seis dias de alto mar. Aí voltei com meus amigos. Aí tinha um rapazinho que era muito meu amigo. Quando eu chegava da maré dava um peixe a ele. E eu estava com um oriente, relógio, novinho, novinho zerado, aí o rapaz olhou assim para mim e disse: “- Jorge você estar assim com o aspecto diferente”. Digo: - Eu rapaz?! - Sim! Aí que eu olhei para o relógio, o relógio parado. Oxe?! Aí quando eu saltei para terra. O cara disse: “-Você estar com o gesto diferente Jorge, seus olhos estão muito vermelhos”. Aí imediatamente eu fui...que era uma empresa de pesca. Aí eu fui lá, falei com o patrão. E ele disse: “-Vamos agora mesmo para o médico” [...]Aí o médico disse: “-Jorge, não desanime, nem fique triste, nem nada, mas o senhor não tem mais condições de ir para o alto mar[...]Você está com problema no coração” [...] Pronto! Aí não fui mais para o alto mar.

E sem pensar, apenas em tom saudoso, relatou sobre os tempos de pescador:

Seu Jorge: Aí de muitos anos, dos antepassados. De pai para o filho, de neto para o tataraneto. Quem dar para pescar, quem não procura outros meios, outros procuram negócio de construção por que na época, os estudos eram muito difícil. [...] Tinha escola, a única escola que tinha era essa colônia (A escola a que Seu Jorge se refere é hoje sede da Colônia de Pescadores do Pontal). Eu estudei aí ainda, muito jovem. Mas os outros era tudo particular, professora assim na casa deles mesmo. Eu tinha uma tia que era professora. Antigamente era só duas pessoas de jangada de pau

que antigamente não tinha barco. Só pau de jangada[...] Dormia por cima de peixe, salgava, forrava aquele pedacinho de esteira. Deitava. [...] Hoje em dia não... Antigamente era só pela mente, viajando pela mente. Não tinha com o que se comunicar, nem nada.







O uso da jangada há muito está ligado à história do Nordeste. Segundo Freyre, em sua obra *Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a*

paisagem do Nordeste do Brasil traz elementos históricos que podem contextualizar a utilização da jangada na pesca realizada pelos negros:

[...] “as jangadas estiveram por muito tempo ligadas à cana, ao açúcar e ao negro de engenho. Tanto quanto o carro de boi. Ainda hoje não quebrou de todo a ligação dos tempos de engenho de água. E segue relatando um episódio: Faz poucos dias, vimos reunidos, em praia do norte de Alagoas, como no Nordeste de 1700, a jangada, o negro e o carro de boi. A barcaça quase no seco da praia e entre ela e um carro de boi, uma jangada fazendo de ponte de embarque. Os cabras quase nus, carregando açúcar (Freyre, 2004:66).

A cena descrita por Freyre, assemelha-se a uma das passagens presentes no livro *Bico: O filho de um jangadeiro* em que aparece Capilé, senhor negro, responsável pela construção da jangada, o carro de boi trazendo a madeira, os meninos correndo. Neste tempo, a pesca era realizada exclusivamente com jangadas como relatou Seu Jorge.

Distantes no tempo, os relatos circunscrevem a jangada como um elemento que localiza uma possível herança desse tipo de pesca que remonta desde os anos de 1700. Na história verifica-se a localização dos engenhos próximos a fontes de água como rios, lagoas e o mar essa proximidade influenciou bastante a dieta das famílias dos engenhos como também a dos mocambos. Os negros que nos tempos de escravidão vão para o mar a serviço de seus “donos” após a abolição continuam nesta atividade como meio de sobrevivência:

Os engenhos antigos do Nordeste viviam muito do mar e dos rios: dos peixes, dos caranguejos, dos pitus, dos camarões, dos siris, que a dona da casa mandava os moleques apanhar pelos mangues, pela água, pelos arrecifes. Esses pescadores a serviço da casa patriarcal tornando-se jangadeiros iguais aos caboclos; tão peritos quanto eles no traquejo das jangadas, das canoas e da rede de tucum, na caça aos jacarés, às emas e aos veados da margem dos rios. Deram mesmo uma técnica mais doce ao manejo da canoa, impelida tão sem gosto pelos caboclos; nas mãos do preto o remo e a vara da jangada e de canoa tornaram-se instrumentos quase de gozo; às vezes até de certa delícia masoquista (Freyre, 2004:66).

Gilberto Freyre traz ainda uma reconfiguração dos usos do mar em tempos de nossa sociedade essencialmente escravista e assim descreve:

A água nobre é hoje a do mar- esse mar nuns lugares tão azul e noutros tão verde que banha as areias do Nordeste. Iemanjá mesma já não é adorada pelos pretos de Xangô na água dos rios mais principalmente na água do mar. E, entretanto, faz pouco mais de um século que essas praias ilustres não eram senão imundície. Faz pouco mais de um século que nelas só se fazia atirar o lixo e o excremento das casas; se enterrar negro pagão; se

deixar bicho morto; se abandonar esteiras de bexiguento ou lençol de doente da peste (Freyre, 2004:72).

Seu Jorge em um de nossos diálogos conta muito superficialmente da presença de religiões de matriz africanas no tempo que as práticas religiosas eram mais expressivas no povoado e que hoje encontram-se restritas a espaço particulares.





Anúncios de jornal da primeira metade do século XIX trazem negros canoeiros. Como o caso de Francisco José do Nascimento, o jangadeiro cearense que se distinguiu na campanha da Abolição e ficou conhecido pelo nome de guerra “Dragão do mar”. E hoje são multidões os negros barcaceiros e jangadeiros em Pernambuco, na Bahia e em Alagoas (Freyre, 2004:66).

Seu Jorge: [...] Eu já tive uma jangada, já possuí uma jangada. Até um ano aqui, ano de São Pedro teve uma corrida, ganhei até troféu, ela andava muito aí ganhamos o troféu. Na corrida de jangada.

Esse tipo de corrida era bastante comum no Pontal antigo. Ainda se realiza essa competição em alguns lugares vizinhos, como Penedo, Neópolis, Santana do São Francisco e Propriá, segundo o Relatório do IPAHN (ANTUNES, 2008), sobre as memórias de trabalhadores da beira do rio em Penedo¹⁵.

¹⁵ Em Penedo as corridas são de canoas e figura como o ponto alto dos festejos de Bom Jesus dos Navegantes que ocorrem no mesmo período que no Pontal também com procissão, feiras e shows.

Seu Jorge: A pessoa pensa mil coisas em um só momento. Aquele jogozinho. A gente mesmo já está acostumado, a gente fica imaginando assim e quando vem ficando a noite é que é...É quando vai ficando a noite é que mais assim o cara vai ficando assim num sombrossozinho, entendeu?! Por que às vezes não fica todo mundo[...] Fica um só ali olhando o navio, uma coisa outra. [...] Vê o sol nascer assim vivo, né?! De manhãzinha aquele sol bonito. Onde nos pescava só via mar e céu, não via nada, nada. [...]Medo faz muito, quem não é acostumado nem vá! Nem vá porque não é muito bom não. [...] A pessoa vai para o mar, agora para voltar, só sabe é Deus, né?![...]Para voltar quem determina é ele mesmo.

Em um outro relato Seu Jorge conta sobre a importância de manter certa sobriedade estando em mar.

Seu Jorge: Parou motor, ficamos à deriva lá, o mar só batendo e cobria tudo, o barco querendo afundar. Meus companheiros querendo cair n'água. Aí dizia: -Não, não, não vai sair daqui não. Só vai sair quando nós ver esse barco afundar. Mas a mão de Deus é mais, né?! Os poderes dele, sei que saiu levando, levando aí sei que saímos do perigo. Aí ficamos lá à deriva. O mar era tão forte que a lancha da Petrobrás na época queria chegar perto da gente, mas não conseguia para dar o socorro[...] Aí a gente fez tipo uma vela, aí nós vinhamos descendo, descendo até dar em terra. Mas tinha deles (pescadores) já querendo abandonar. Querendo saltar n'água. Uma loucura dessa que não vai chegar ninguém em terra. Tem que ter paciência. No alto mar não adianta se apavorar, nem se desesperar, não. Tem que se apegar com Deus. Você gostaria de pescar?

P: Da experiência que tive eu não sei, viu?!

Seu Jorge: É...

P: Por que foi tão pouco e eu estava vendo tudo do lado de cá[...] Eu fiquei sem chão. (Trata-se de uma experiência que tive com Elir, quando este levou-me para conhecer o seu barco).

Seu Jorge: Pouco nervosa, né?! Estranha mesmo! A gente pesca, mas não é assim um emprego que a gente ver ganho adequado é porque a gente arruma o pão de cada dia, mas é meio perigoso, meio não, perigoso! Por que você saiu para o alto mar, você está indo, mas para voltar só quem sabe é Deus. Para ser pescador tem que ter sorte!

A noção de emprego é posta no contraste em relação ao ofício da pesca marcado de incertezas, embora os pescadores estejam assegurados pelo INSS e mais recentemente (2003), o seguro-defeso intermediado pela Associação dos pescadores. Figura como exemplos de trabalho assalariado nas proximidades do povoado, os empregos na prefeitura de Coruripe, no comércio, escolas, usina e casas de família.

P: Gostaria de ter estudado?

Seu Jorge: Gostaria ...só que eu não tinha tempo. Por que ou ia querer a bóia, o pão de cada dia ou estudava. Aí, ia passar dificuldade com os

irmãos, né?! “Aí eu não vou, vou cuidar da minha alimentação e ajudar a minha mãe”.

P: Seus filhos não deram para ser pescador?

Seu Jorge: Foi uma coisa que eu nunca ensinei meus filhos. Eu queria que eles estudassem[...] Eles sentiam falta quando saía para pescar. Eles estudaram até grande em Coruripe.

Em tom saudoso e já próximo do fim de um de nossos encontros, Seu Jorge desabafa sobre seus sonhos e vontades de voltar a pescar em alto mar.

Seu Jorge: Às vezes eu digo: Vou pescar! Por que hoje em dia os jovens de hoje não querem levar pessoa de mais idade. Não quer! A pessoa de idade não tem agilidade que tem um jovem. O alto mar não quer isso. Pessoa que não tem a destreza, não tem agilidade. Às vezes eu sonho, sonho pescando. Já sonhei várias vezes, várias vezes mesmo, não foi uma vez só não[...] De achar que estava lá, pegando peixe, óia?! Quando acordo, estou aqui (risos). Ainda ontem eu estava sonhando pescando. Juro por Deus! Era mesmo que está pegando o peixe assim... Nossa! Quando se acorda, cadê?!

CAPÍTULO 3

DOS ENCONTROS EM CAMPO: um mergulho no universo da pesca

“Vamos chamar o vento, vamos chamar o vento. Vamos chamar o vento, vamos chamar o vento. É vista quando há vento e grande vaga, ela faz o ninho no rolar da fúria e voa firme e certa como bala. As suas asas empresta a tempestade quando os leões do mar rugem nas grutas sob os abismos passa e vai em frente. Ela não busca a rocha, o cabo, o cais, mas faz da insegurança a sua força e do risco de morrer o seu alimento.” (Citação presente na música “Vamos chamar o vento” de Gal Costa)

As discussões que seguem são frutos dos encontros etnográficos com o povoado do Pontal, em seus ritmos, com as narrativas de Missi e Seu Jorge e com as vozes dos moradores em depoimentos formais e informais. A partir desta imersão

no ambiente da pesquisa alguns elementos foram sendo traçados e que merecem ser analisados na tentativa de dar sentido as vivências compartilhadas nesse povoado em que a pesca confere tonalidades próprias ao lugar e nas histórias partilhadas.

Foi nos diálogos com Missi e Seu Jorge que surgiram os principais pressupostos que serão desenvolvidos neste capítulo. Em suas narrativas algumas pistas foram apresentadas apontando para o desenvolvimento de uma reflexão acerca do vivido em campo, sem perder de vista a posição que ocupava estando em campo, o que trouxe tonalidades próprias na pesquisa, como salienta Caldeira (1998) em seu artigo *Uma incursão pelo lado: não-respeitável da pesquisa de campo*.

Em minhas primeiras entradas em campo me apresentava como estudante de Ciências Sociais e que deseja desenvolver uma pesquisa no povoado e sua relação com a pesca a partir de suas histórias. Essa posição em campo reconhecida pelos narradores marcou nossos diálogos desde os primeiros contatos. E não poderia passar despercebida pelas reflexões acerca das situações que vão ambientando o campo de pesquisa.

Caldeira (1998), em seu artigo sobre o lado não- respeitável da pesquisa de campo, elabora reflexões acerca da aparente neutralidade nas relações estabelecidas em campo. “Ao entrar no ambiente da pesquisa o antropólogo deve refletir sobre as condições que atravessam a relação estabelecida entre pesquisador e interlocutor” (CALDEIRA, 1980:332). Se insere nestas reflexões o reconhecimento compartilhado da legitimidade do saber científico que coloca o pesquisador na posição de investigador e o interlocutor responsável em relatar os fatos com veracidade.

Ao entrar em campo e pensando nesta aparente neutralidade da relação entre interlocutor e pesquisador que se insere no trabalho de campo uma relação de poder é estabelecida e compartilhada nas sutilezas do fazer antropológico. Foi nos diálogos com Missi que os questionamentos desenvolvidos por Caldeira (1980) se mostraram com mais vivacidade. Quando no fim de uma de nossas conversas Missi

disse: “Espero ter ajudado no seu trabalho”, demonstrando uma preocupação com o desenvolvimento da pesquisa.

A frase proferida por Missi ecoava ainda sem que um sentido fosse conferido-lhe, e inicialmente foi apenas uma nota de diário de campo. Ao longo dos encontros e o interesse em “ajudar” de Missi foi ficando cada vez mais nítido no reconhecimento de um saber socialmente legitimado que se desdobrava em expectativas que ela alimentava de acessos mais significativos para seus filhos a um conhecimento legitimado difundido inicialmente nos ambientes escolares.

Nos encontros com Seu Jorge sua relação com a pesca foi um dos temas centrais de nossas conversas e neste sentido, o mundo do trabalho e da escola foram amplamente discutidos por ele, no agenciamento de suas escolhas e rupturas com esses dois espaços, como quando o momento em que ele fala “que teve que sair da escola para poder ajudar sua mãe e irmão na subsistência familiar” (Seu Jorge).

Nas narrativas de Missi e Seu Jorge se desenrolam biografias marcadas pelos ritmos das marés, atravessadas por diferentes gerações que experimentam o cotidiano no povoado. Suas histórias apresentam um evento comum de ruptura com o espaço escolar em detrimento da entrada e envolvimento na atividade pesqueira. A fala de ambos traz sentimentos contraditórios acerca desse rompimento com o espaço escolar e a entrada na atividade. De um lado, certo pesar tendo em vista as possibilidades que poderiam ter sido construído e do outro, um contentamento ao vislumbrar o que conseguiram dadas as condições que lhe foram colocadas.

A aproximação de horizontes proporcionada por temas relacionados ao ambiente escolar marcou fortemente os encontros com Missi e Seu Jorge. Tendo em vista as considerações de Magnani (1996) acerca do trabalho etnográfico de que “as primeiras observações já obedecem a algum princípio de classificação”, as condições em campo, os diálogos e as temáticas tocadas nos encontros foram sendo considerados ao longo do processo da pesquisa como elementos norteadores que foram traçando os principais contornos do trabalho.

Esses primeiros traços que delineiam a pesquisa foram trazidos para a reflexão com o intuito de conhecermos um pouco mais o ambiente de pesquisa como também compreendermos os andaimes¹⁶ para a reflexão neste capítulo, no empenho de adentrarmos no ambiente marítimo da comunidade de pescadores do povoado, através das narrativas de Missi e Seu Jorge e nos vários diálogos travados ao longo da pesquisa que trouxeram para a discussão uma tensão geracional no que se refere à identidade de pescador em vias de um possível declínio que, dentre outros fatores, é evidenciada por expectativas direcionadas para uma continuidade da trajetória escolar.

Antes de adentrarmos nesse ambiente da pesca do povoado do Pontal, faremos uma breve incursão sobre os estudos referentes ao ambiente marítimo no âmbito das Ciências Sociais, que se mostrou relevante para conhecermos as principais abordagens, estudiosos e enfoques desta temática em que o trabalho está inserido.

3.1 Breve panorama sobre estudos de *pesca* nas Ciências Sociais

O interesse das Ciências Sociais pelo mar é relativamente recente, sendo a geografia humana e a história, as primeiras áreas do conhecimento a explorarem este campo. Trabalhos como de Herubel (1928), *A evolução da pesca* e o de A. Thomazi (1947), *A história de pesca*, publicados na França que tratam da pesca sob uma perspectiva histórica e geográfica foram alguns dos marcos iniciais de desenvolvimento deste tema.

¹⁶ Vagner Gonçalves da Silva em sua obra *“O antropólogo e sua magia”* vai trazer a noção de andaime para tratar dos questionamentos acerca do modo como se apreende o conhecimento de comunidades. Trazendo para o centro de sua discussão como sendo este um dos objetivos da etnografia o que possibilita “olhar através da organização da narrativa as múltiplas veredas que lhe deram origem (SILVA, 2000:119).

Os estudos de sociedades de pescadores tiveram início na Etnologia, quando pesquisadores ingleses começaram a fazer ciência. Malinowski em 1922 publicou sua obra *Argonautas do Pacífico Ocidental*, com um enfoque em críticas metodológicas, mais detidamente sobre o método evolucionista que caracterizava a pesca como um estágio civilizatório anterior à agricultura e à sedentarização.

O autor, inserido numa perspectiva funcionalista, estudou a sociedade dos insulares tombríadeses, particularmente o *kula* (troca ritual de bens) realizado no âmbito da navegação entre as ilhas da Polinésia. Suas análises sobre as funções das crenças religiosas, dos mitos e da magia contribuíram decisivamente para consolidar uma Antropologia Moderna baseada no método de observação.

Outro pesquisador que contribuiu decisivamente para a construção da Antropologia foi Raymond Firth, também funcionalista, que publicou em 1946 *Os pescadores Malaíes*. Para Firth a economia da pesca e a economia camponesa eram idênticas. Segundo este autor, ambas as economias apresentam analogias estruturais e a sociedade dos pescadores foi tratada como parte das sociedades camponesas, concepção refutada posteriormente em 1970 pelo próprio autor, que passou a realizar uma distinção entre o camponês e o pescador, baseada no tipo de acesso aos recursos naturais.

Esses primeiros antropólogos não tinham como um estudo específico as sociedades insulares (Malinowski) ou as sociedades marítimas dos pescadores (Firth), como afirma Breton (1989). O interesse de ambos teóricos era dirigido à elaboração de novas metodologias e ao avanço teórico da Antropologia. Ainda assim, estes foram os primeiros marcos de estudos desenvolvidos, ainda que de modo não central, das comunidades pesqueiras.

O estudo das sociedades marítimas, sobretudo a dos pescadores ganhou força entre os estudos antropológicos e sociológicos com pesquisas que se desenvolveram no Atlântico Norte. Breton (1989) cita os trabalhos de Barnes (1954), Blehr (1963) e Barth como pioneiros nessa nova fase de estudos dos pescadores do Mar do Norte, em que a problemática principal se centrava nas mudanças sociais ocorridas com essas comunidades. Essas pesquisas foram publicadas por Anderson

e Wadel em 1972 numa coletânea intitulada: *North Atlantic Fishermen: Anthropological essays on modern fishing*.

Contemporaneamente, trabalhos de antropologia que enfocam especificamente às sociedades de pescadores começaram a ser publicados em outras regiões do mundo. Entre as décadas de 40 e 60 trabalhos como dos antropólogos Pierson e Teixeira (1947): *Survey de Icapara, uma vila de pescadores do litoral sul de São Paulo* e Gioconda Pierson e Teixeira (1947) com o trabalho *O cerco da tainha na Ilha de São Sebastião* (1945) e *O cerco Flutuante: uma rede de pesca japonesa*, que descrevia o modo de vida e técnicas de pesca utilizadas pelos pescadores- caiçaras do litoral de São Paulo foram desenvolvidos.

Outra contribuição etnográfica significativa para o entendimento das relações entre as comunidades caiçaras, oriundas da miscigenação entre o colonizador português, o índio e o negro foi realizada por Mussolini (1980). A autora analisou também o processo de disseminação entre os caiçaras do cerco flutuante, aparelho de pesca introduzido pelos migrantes japoneses.

Entre 1950 e 60 houve uma contribuição significativa dos geógrafos humanos que descreveram vários aspectos da distribuição e formas de vida dos pescadores entre o Rio de Janeiro e Santa Catarina (França, 1954; Berrardes, 1958; Brito Soeiro, 1961). Pode-se afirmar que, com raras exceções, eram trabalhos mais descritivos e empíricos, sendo que, no final da década, apareceram alguns trabalhos dirigidos ao "estudo de comunidades" (Carvalho, 1969).

A partir de 1960, alguns trabalhos ganharam densidade metodológica e teórica, enfocando, sobretudo a questão das mudanças sociais entre os pescadores litorâneos. Destacam-se os trabalhos do folclorista Luís da Câmara Cascudo (1957) em sua obra *Jangadeiros* que realizou o primeiro estudo sistemático sobre a pesca da jangada no Nordeste e as comunidades de jangadeiros, enfocando as suas tradições e seus conhecimentos.

Nesse trabalho, provavelmente pela primeira vez é descrita a pesca de caminho e assento ou marcação, pela qual os marcos ocultos no mar são demarcados visualmente através do uso de acidentes geográficos no continente. Outro trabalho que deve ser mencionado é o de Hélio Galvão: *Novas Cartas da*

Praia (1968), onde o autor faz uma etnografia dos pescadores de jangada de Tibau do Sul no Rio Grande do Norte.

Entre 1967 e 1970, merece destaque um importante trabalho realizado dentro de uma perspectiva antropológica, e fugindo ao modelo de análise de comunidade, o artigo de Cordell, *The lunar tide fishing cycle in Northeastern Brazil* (1967), enfatizando o conhecimento dos pescadores do litoral da Bahia sobre os ciclos naturais e o sistema de manejo pesqueiro.

Tiveram também trabalhos como o do antropólogo norte-americano, Shepard Forman, em seu livro *The raft fishermen* (1970), que teve como principal foco a mudança social e a tradição numa vila de jangadeiros, de Coqueiral, no litoral de Alagoas. Forman afirmava que os jangadeiros de Coqueiral eram inventivos e que adotavam inovações desde que estas os beneficiassem diretamente e que não apresentassem grandes riscos ao que viviam num patamar mínimo de sobrevivência. Essas inovações incluíam, por exemplo, a introdução de redes mais eficientes. Para o autor, apesar do caráter tradicional da atividade pesqueira, as mudanças ocorriam vagarosamente, sendo acompanhadas de novas relações econômicas, particularmente por uma distribuição de riquezas que se dá, em geral, em detrimento dos pescadores.

A partir do final 1970 e meados de 1980, alguns trabalhos de sociólogos e antropólogos ganharam densidade metodológica e teórica. Neste sentido merece destaque trabalhos como dos sociólogos Mourão (1971), Diegues (1971, 1983) e dos antropólogos Kottak (1966), Forman (1970) como também os trabalhos dos antropólogos Maldonado (1986), Duarte (1978), Lessa (1985) e Beck (1979) que estudaram pescadores artesanais no Nordeste, Leste e Sul do Brasil.

Até recentemente, essas comunidades marítimas “eram estudadas com a utilização de conceitos e metodologias aplicadas às sociedades agrícolas ou rurais” (Diegues, 1995:17). Estudos de caráter antropológico e sociológico, a partir do final da década de 70, tanto no Brasil quanto no exterior, começaram a indicar as limitações teóricas e metodológicas encontradas na análise das sociedades marítimas oriundas da aplicação dos conceitos próprios das sociedades camponesas. Neste sentido, iniciou-se o desenvolvimento de uma área específica

do conhecimento nas Ciências Humanas intitulada de Antropologia Marítima, Sócio Antropologia marítima, ou ainda, Antropologia da pesca.

A Antropologia Marítima é hoje um campo de pesquisa especializado de estudo etnológico sobre comunidades que vivem do mar, especialmente da pesca. A construção desse campo disciplinar é recente e o verbete Antropologia Marítima aparece pela primeira vez em 1992, no prestigiado *Dictionnaire de l'Ethnologie et de l'Anthropologie*, publicado pela Presses Universitaires de France, sob direção de Pierre Bonte e Michel Izard.

Segundo Geistdoerfer (1989), a Antropologia Marítima estuda a variedade e a complexidade dos sistemas técnicos, sociais e simbólicos elaborados pelas populações litorâneas no processo de apropriação do espaço marinho que daí retiram sua subsistência. Ainda sobre as populações litorâneas Geistdoerfer (1989) afirma que:

As práticas sócio-culturais da gente do mar, o conjunto de comportamentos, reúnem aquilo que denominamos por 'técnico', 'simbólico', 'social', 'econômico', 'ritual'. Essas práticas são marcadas, de maneira original, por essas 'propriedades naturais' do mar, socializadas pela aplicação dos diferentes sistemas. Mas segundo o valor social, econômico ou simbólico que as comunidades dão ao mar e aos seus recursos, o conjunto de práticas socioculturais dessas comunidades pode ser marcado de forma diferenciada (Geistdoerfer, 1989: 7).

Com o desenvolvimento dos estudos relacionados as comunidades marítimas Centros de Antropologia/Sociologia Marítima surgiram recentemente no Canadá, França e Holanda. Em Paris, o Centro de Etno-Tecnologia em Meio-Aquático foi fundado em 1970 por pesquisadores em Ciências Humanas no Museu Nacional de História Natural.

Mais recentemente, antropólogos e sociólogos brasileiros têm produzido trabalhos que acenam para uma sociologia e antropologia das comunidades marítimas. Partes desses pesquisadores estão associados ao CEMAR, Centro de Culturas Marítimas, da Universidade de São Paulo, onde, em associação com o Programa de Pós-graduação em Ciência Ambiental tem sido ministrado um curso sobre Antropologia Marítima, a disciplina também é ministrada no Departamento de Antropologia do Museu Goeldi, em Belém do Pará e na Universidade Federal da Paraíba, em João Pessoa.

Esses são alguns dos marcadores iniciais de constituição e desenvolvimento desta área de pesquisa que apontam para um crescente interesse em desenvolver pesquisas junto a essas comunidades, no qual a pesquisa se insere no empenho de poder contribuir com o os estudos relacionados a esta temática.

3.2 Paisagem do Pontal: itinerário sobre a rítmica do lugar

Acompanhando o cotidiano do povoado e a partir das narrativas de seus moradores, pude começar a perceber outra paisagem se desenhando acerca do lugar. O conceito de paisagem, entendido aqui como uma possível representação de planos que dão conta da relação espacial e simbólica entre os objetos visíveis de forma a compor um todo (CAUQUELI *apud* DEVOS, 2006:40). A paisagem enquanto representação ou visão de mundo (GEERTZ, 1978, 27), é entrecruzada por uma relação com o ambiente, marcada pela influência dos ritmos da natureza que se configura no exercício da atividade pesqueira realizada na região.

Nas narrativas a paisagem aludida do lugar não é a paisagem visível, mas uma paisagem que diz respeito às práticas cotidianas nos espaços que não se esgota, portanto, em uma maneira de ver o espaço, mas também na materialização de seus usos que pode ser experimentado de diferentes formas, uma delas é a experiência que é sentida pelos que são de *fora*. Neste sentido, Corbin (1989) descreve o interesse dos cidadãos no ambiente e nas populações das zonas litorâneas, o tipo particular de turismo que se atrai por estas “freguesias litorâneas” e sua representação idílica têm suas raízes na vida urbana e na tentativa de se libertarem das mazelas que caracterizam a “vida mental” da metrópole, compondo muitas vezes um “quadro adocicado” da vida dos habitantes da praia.

À medida que convivia com as pessoas do lugar e sentia as suas rotinas e ritmos, a paisagem foi se configurando de maneira particular e alguns contornos foram aparecendo e ganhando formas ainda não experimentadas, como por exemplo, o tom que é dado pela pesca ao lugar, seja no balanço dos barcos que se misturam ao céu e ao mar; nas confabulações de pescadores em meio ao entardecer; ou no cheiro forte de peixe em suas ruas. Sendo o povoado, o “espaço

de referência” (ECKERT; ROCHA, 1993,132) em que a pesca figura como um dos importantes marcadores neste espaço

Reconstruir essa paisagem habitada por estes pescadores incide na necessidade de reconstruir os ritmos do lugar, para adentrarmos neste espaço construído e vivenciado por esses habitantes em suas práticas cotidianas relacionadas com a pesca que imprimem uma rítmica própria que ressoa em todo povoado.

O ciclo das estações do ano produz no lugar mudanças significativas que são acompanhadas por estratégias que mudam toda a rotina do lugar. No transcorrer do trabalho de campo pude acompanhar essas mudanças na paisagem do local a partir deste ritmo dos trabalhos associados à pesca. Entrever essa nuance do lugar permitiu entender suas dinâmicas a partir da mudança de estações em que as atividades pesqueiras se inserem, como delineadoras das rotinas e mudanças nos compassos em seus diferentes espaços.

As estações do ano no Pontal são mais demarcadas a partir de dois momentos ao longo do ano: um inverno que é caracterizado por um período chuvoso que inicia em junho e vai até agosto, podendo variar. E um verão bastante seco, que apresenta variabilidade em relação á ocorrências de chuva. Configurando-se como um ambiente marcado por variações climáticas, típico da região Nordeste de estados circunscritos na faixa litorânea.

Nos meses em que inicia o inverno no povoado, as ruas ficam esvaziadas. Neste período, os pescadores ficam em terra reparando seus barcos e não saem para pescar, pois os ventos e as ondas ficam muito fortes. O movimento de turistas e banhistas vindo da capital cessa, as chuvas deixam o mar turvo e o céu fica tão embaçado que quase não conseguimos avistar os barcos em meio ao cinza de alguns dias desta estação. Ainda que estejamos no período de chuvas, acontecem dias ensolarados que faz reaparecer os banhistas vindos da capital.

Quando o verão inicia em dezembro os pescadores retornam a suas atividades mais diretamente ligadas à pesca e com isso a movimentação recomeça. Assim como, a chegada de turistas para ocupar as pousadas e casas de veraneio

que coincidem com os meses de férias do trabalho. A praia se enche de sol, o mar perde seus tons turvos de inverno e aos poucos os sons altos vão aparecendo, os carros cheios de gente vão chegando, os estabelecimentos que permaneciam fechados abrem suas portas, os bares vão sendo abastecidos a espera de consumidores e começam a funcionar noite adentro, a bebida, a ocupação das praças e das casas aumenta e o clima festivo de férias é estabelecido.

O ciclo da pesca no Pontal é ainda atravessado por períodos de defeso, momento em que a captura de peixes não é autorizada, neste período os pescadores recebem o benefício do Governo Federal e para isso necessitam estar em situação regular no que se refere a comprovação e manutenção enquanto profissional da pesca.

A relação entre os ritmos do lugar e a sazonalidade pode ser sentido pelo atravessamento que a inserção em campo proporcionou no entendimento do cotidiano do povoado marcado por uma forte rítmica. O verão, que além de apresentar as potencialidades turísticas do local compõem nesses dias também os preparativos para as investidas no mar.

Assim como em outras sociedades que estabelecem uma relação de atividades que visam à sobrevivência por meio da natureza, como por exemplo, observou Roberto Kant de Lima, que em sua pesquisa com os pescadores de Niterói ao relacionar os fenômenos da natureza com a atividade da pesca pode verificar similaridades com a atividade da agricultura, ambas apresentam seus ciclos econômicos marcados pelas dinâmicas da natureza, “quando predominam diferentes processos de produção, havendo, portanto, condições “econômicas” e “extra-econômicas distintas que influenciam seu funcionamento e características, os resultados desta relação serão predominantemente os seus resultados associados as condições ecossistêmicas” (LIMA,1997:164).

Em estudos sobre as variações sazonais das sociedades esquimós, Mauss (2003), traz a partir do contato com essa população a descrição das mudanças nessa sociedade conforme as estações do ano, pontuando a maneira pela qual os

homens se agrupavam, a forma de suas casas e a mudança de suas instituições que se encontravam diferentes no decorrer dessas variações.

Enquanto os meses de inverno são caracterizados pela concentração da população esquimó em territórios específicos, o verão proporciona a dispersão desta população por longas extensões. Para Mauss, essas mudanças em conexão com as variações experimentadas por essas populações e podem ser observadas em contextos diversos o que possibilita observar “mesmo nas sociedades em que elas são menos imediatamente visíveis, em que a trama formada pelos outros fatos sociais as dissimula ” (MAUSS, 2003:426).

As variações sazonais pensadas a partir de Mauss, auxilia na observação e entendimento das transformações ocasionadas pelas estações do ano nas rotinas do lugar. O verão, período do ano em que ocorre o deslocamento de populações vinda de todos os lugares, inclusive de outros países dirigindo-se para a praia do Pontal, configurando-se como um momento de forte presença de turistas que modifica visivelmente a paisagem do lugar e que proporciona trocas e relações mais ou menos duradouras com os moradores, como por exemplo, no caso dos padrinhos de Missi que tinham uma casa de veraneio próximo à praia o que possibilitou o encontro com seu pai e a feitura de laços que desenrolaram no deslocamento de Missi para a capital na busca de melhores acessos escolares.

Nos demais meses do ano, o ritmo do Pontal toma uma forma bastante distinta daquela encontrada no verão. As casas ficam quase que todo o resto do ano fechadas sob os cuidados de caseiros; alguns estabelecimentos fecham as suas portas e as ruas vão tomando sua calma e ares bem distintos daqueles do verão que podem ser compreendidos enquanto processos de ocupação e esvaziamento do povoado em consonâncias com as variações climáticas o que conforma mudanças na paisagem.

Outra noção que lança luz sobre a rítmica do lugar é o que Evans-Pritchard (2005) vai denominar de “sistema ambiental”, para entendermos um pouco mais as mudanças provocadas pelo ciclo pesqueiro e suas influências na paisagem do lugar. Evans-Pritchard em sua descrição a despeito dos modos de subsistências e das

instituições políticas do povo nilota, traz importantes marcos referenciais para adentrarmos nesta comunidade na sua relação íntima com a natureza no que o antropólogo denominou de “tempo ecológico”, ao estudar os Nuer numa articulação entre os ciclos da natureza e os ciclos sociais na vida desta sociedade.

É neste contexto ecológico no qual os pescadores estão inseridos que se dá a sua relação íntima com as nuances ecossistêmicas que influenciam os ritmos do povoado, uma vez que a pesca é uma das principais atividades de subsistência da maioria de seus moradores e que pode ser observada de forma análoga ao enfoque dado pelos estudos de Evans-Pritchard (1978), cuja principal atividade baseava-se na lida com o gado, sendo este um elemento fundamental para compreensão de seus modos de vida.

Neste sentido, uma relação ecológica com o lugar, que pode ser entendido como espaço importante na “constituição da experiência pesqueira” (MALDONADO, 1994:34) em que são delineados os acontecimentos relacionados a pesca e que marcam profundamente a paisagem do povoado na definição dos modos de vida de maneira singular no que se refere as influências da natureza na tomada de decisões.

Um “tempo ecológico” (EVANS-PRITCHARD, 1978) é experimentado pela comunidade, cuja referência de sua organização social está pautada em sua relação com o ambiente marinho, influenciada pelos ciclos do verão e do inverno, que divide o tempo em dois momentos de experiências distintas com o lugar, pois o cotidiano é atravessado por um tempo relativo onde as estações do ano estão intimamente relacionadas com a dinâmica social.

Os aspectos que definem as cadências da vida social, são os ritmos da natureza e de maneira mais detida, o da pesca em seus ciclos que são demarcados por períodos de restrições/declínio e abundância, o que envolve toda uma relação de socialização entre os pescadores que transforma o “ritmo ecológico” em “ritmo social” anual. De acordo com esses ritmos, constata-se, em relação ao tempo, que sua duração se dá a partir da atividade pesqueira. “Sendo a passagem de um ciclo para outro, percebida na relação que uma atividade se relaciona com as outras” (EVANS-PRITCHARD, 1978:115).

Sentir a rítmica do lugar abre caminhos para conhecer as influências das variações ecossistêmicas no povoado do Pontal adentrando no tema do próximo tópico acerca dos conhecimentos necessários para a mobilidade em alto mar.

3.3 “Muito bem a gente sabe o dia que sai, mas o dia que vem, só Deus que toma a frente deles tudinho que vão para o alto mar”: *o saber-fazer na arte de pescar*

A contraposição entre uma educação formal oriunda dos espaços escolares e uma educação informal baseada no exercício de uma atividade considerada artesanal, como é caso da pesca, que envolve o domínio da técnica e acompanhamento de todas as etapas produtivas deste ofício, confere a este saber local uma expressão simbólica e material a partir de um seu jeito de ser, estar e ver o mundo (GEERTZ, 1989) inserindo-se dentro de um universo simbólico particular que pode ser captado a parti da herança cultural.

Nas muitas investidas em campo e visitas a casa de Missi, pude conhecer muito dos pescadores do Pontal que nos finais de semana se reúnem em sua casa para conversar, beber e se deliciar com os pescados. Foi na casa de Missi que pude travar importantes contatos com os pescadores, num desses encontros fui apresentada a Eivaldo e José Daniel, ambos pescadores desde os doze anos.

Começamos a conversar sobre o ofício da pesca de modo informal. Eles começaram a falar a respeito dos desafios da atividade pesqueira assim como apresentaram uma longa descrição das espécies de peixes capturados por eles e uma detalhada descrição sobre seus respectivos comportamentos. Tendo esses conhecimentos em vista ambos pescadores relatavam da limitação acerca dos resultados obtidos na captura dos peixes.

Contexto similar ao encontrado por Adomilli (2002) em seu estudo em que acompanhou o cotidiano de trabalhadores da pesca do Parque Nacional da Lagoa do Peixe no Rio Grande do Sul, a partir de suas representações práticas sociais, alguns aspectos comuns do ethos pesqueiro são recorrentes em ambas as

comunidades pesqueiras. O autor comenta em seu trabalho acerca do fator sorte apontado em muitos relatos recolhidos junto aos pescadores do Parque assim como nos relatos de Seu Jorge que salientou “que é preciso ter “sorte para ser um bom pescador”.

O ofício requer em suas incursões pelas inconstâncias do mar um senso de localização ancorado em habilidades específicas ligadas às familiaridade com o meio marítimo. Esse senso de localização é produzido em meio a marcadores invisíveis e visíveis. Em relatos, Seu Jorge narra que a localização de cardumes de peixes e a captura de espécies específicas eram realizadas com a medição da profundidade do mar, “a gente ia sassangando até o lugar certo da captura”.

Um meio importante de localização para os pescadores do povoado é o Farol que pertence ao Centro de Sinalização Náutica, construído no ano de 1948. A sua construção foi acompanhada de perto por Seu Jorge na época momento em que já realizava as suas primeiras incursões em alto mar. O Farol é hoje símbolo do município de Coruripe.

O mar em seu movimento ininterrupto das águas, tantas vezes aludido como local de manutenção da comunidade traz uma mística carregada de um sentimento de entrega, nos gestos e dizeres desses pescadores. O mesmo mar que já foi cenário de manifestações religiosas africanas nos dias de festa do padroeiro do povoado. Seu Jorge ao comentar sobre este acontecimento relata que achava bonito “aquela gente toda de branco saindo para o mar”.

Na lida com o mar uma concepção de liberdade é esboçada de maneira ambígua nas falas dos pescadores que de um lado, controlam todas as etapas envolvidas na realização do ofício em comparação a outras atividades; por outro, os pescadores experimentam privações na ordem dos acessos aos bens materiais por conta das incertezas que marcam a atividade.

Com relação às aprendizagens da pesca, esta é realizada através de um *saber-fazer* que se dá a partir dos conhecimentos passado de uma geração a outra. Woortman (1987) em seus estudos acerca dos modos como os camponeses do Nordeste estruturam os trabalhos agrícolas em uma colônia ao sul do país pontua

que os conhecimentos são “transmitidos no próprio trabalho, geralmente por uma pessoa mais velha” (WOORTMAN *apud* RECHENBERG, 2007: 66) traçando possíveis pontos em comum com a atividade da pesca.

No momento dos primeiros aprendizados sobre a pesca, Seu Jorge aponta em seu relato as inúmeras dificuldades de adaptação aos ritmos marítimos e ao falar deste momento de entrada na pesca ele reivindica a falta de possibilidades. Já a inserção de Elir foi marcada por transformações da atividade. Nos tempos de Seu Jorge, os pescadores pescavam com jangadas. Já Elir, com o auxílio das políticas de incentivo a pesca, construiu seu próprio barco e conta hoje com modernos instrumentos para se localizar em alto mar.

Com entradas em momentos distintos de desenvolvimento da atividade pesqueira, tanto Seu Jorge quanto Elir produzem um mesmo discurso no que diz respeito a falta de oportunidades – sendo a atividade ainda a única possibilidade de obtenção de subsistência para as famílias com baixo grau de instrução.

A tônica dada por estes e outros pescadores com relação a falta de possibilidades locais de desenvolvimento de outros trabalhos é marcada por uma dualidade entre a falta de escolhas e um contentamento com a realização da atividade pesqueira praticada no povoado e que é marcada não só por imprevisibilidades em alto mar como também em terra nas responsabilidades referente a manutenção de suas famílias.

3.4 Travessia: os caminhos e descaminhos na atividade pesqueira do Pontal de Coruripe

Iniciaremos a discussão sobre as mudanças no rumo da pesca pensando a sua relação com o lugar, marcada pelas relações que se estabelecem no cotidiano, “o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são produzidos pela história e pela cultura de uma dada sociedade, constituindo uma identidade, uma vez que é esse espaço que o homem se reconhece porque é o lugar da vida” (MENDES, 2008:140).

O lugar dos discursos produzidos é importante para se pensar as trajetórias dos pescadores Elir e Seu Jorge no que se refere aos caminhos e descaminhos da pesca experimentados por essas gerações que emoldura as transformações nos horizontes de possibilidades a partir de um recorte das experiências da pesca nos diferentes momentos em que estão associadas.

A ruptura com o ambiente escolar em detrimento da manutenção de sua sobrevivência através da realização da atividade pesqueira traz características que podem dialogar com os estudos de Santos e Sampaio (2012) que em seu artigo sobre o processo de declínio da pesca artesanal em Fernão Velho-AL constatam um baixo nível de instrução dentre os pescadores, realidade comum a outras comunidades pesqueiras no Nordeste brasileiro (SOUZA; NEUMANN- LEITE, 2000; NASCIMENTO; SASSI, 2007; ALENCAR; MAIA, 2011), inclusive na comunidade do Pontal.

Em sua pesquisa com os pescadores da lagoa os autores identificaram que “apesar destes baixos índices há grande preocupação quanto aos acessos à educação formal de seus filhos” (SANTOS; SAMPAIO, 2012:6). Eles relacionam este fato à atual política de inclusão social do governo brasileiro e também ao cumprimento da legislação, que está punindo os pais ou responsável pela negligência na educação dos filhos, segundo o Art. 246 do Código Penal – Decreto Lei 2.848/40, Art. 22 e 55 do Estatuto da Criança e do Adolescente – Decreto Lei 8.069/90; Art. 1.634 do Código Civil- Decreto Lei 10.406/02.

Os autores ainda enfatizam que os pescadores não desejam que seus filhos se tornem pescadores, pois alegam que a pesca não garantiria um futuro promissor, tampouco garantia a subsistência das famílias fazendo com que estes buscassem outras atividades. Situação semelhante foi observada por Nascimento e Sassi (2007) em Cajueiro da Praia (PI) e Lima e Velasco (2012) em comunidades do estuário da Lagoa dos Patos (RS) em que os conhecimentos envolvidos na pesca estão deixando de ser transmitidos as novas gerações.

O contexto apontado como favorável ao desenvolvimento de uma permanência escolar mais duradoura abre caminhos para se pensar a situação da

atividade frente aos acessos ao ambiente escolar. À medida que os filhos dos pescadores podem optar por outros caminhos, e, no caso, dos pescadores do povoado, com o consentimento e intenção definida de descontinuidade ocupacional, isso implica numa mudança significativa na estrutura familiar, como também em um possível enfraquecimento da atividade nas próximas gerações. As escolhas dos filhos também delineiam e definem possíveis contornos para “novos tempos” no Pontal.

Gilberto Velho (1994), em suas reflexões acerca das sociedades complexas, a partir de uma abordagem interacionista traz para o debate um modelo teórico que abarca um contexto em permanente “confronto dentro do complexo jogo de negociação da realidade” (Velho, 2006:51), sendo assim, uma “heterogeneidade cultural que deve ser entendida como a coexistência, harmoniosa ou não, de uma pluralidade de tradições” (Velho, 1981:16) e requer a consciência da interpenetração de diferentes mundos e a fluidez das fronteiras culturais.

Tendo como principais referenciais teóricos em suas reflexões acerca das sociedades complexas, as pesquisas desenvolvidas na Escola de Chicago, onde o trabalho do Sociólogo Georg Simmel fora influência teórica indubitável. Além deste, Schutz (2012), com seus escritos sobre fenomenologia das relações sociais, figuram como as bases de seu pensamento.

Gilberto Velho vai desenvolver suas principais reflexões pautadas nas sociedades complexas em que o indivíduo precisa traçar um projeto para lidar com os sistemas de valores diferenciados e heterogêneos, com os quais se depara na sociedade na qual está inserido, o que não exclui sociedades menores que também não são totalmente homogêneas em que a vida social se dá na interação das diferenças.

A organização relacionada à manutenção da continuidade dos filhos de Missi e Elir no ambiente escolar, envolve procedimentos de ordem moral e simbólica, como a valorização dos estudos, o lugar atribuído à escola, ao título por ela concedido e no apoio e encorajamento transmitido sobre o empenhos e resultados escolares, além de uma participação materializada pela vigilância e mesmo acompanhamento na realização das atividades, assim como uma atenção na

ocupação do tempo, na assiduidade às aulas, na escolha de escolas de melhor prestígio da rede pública, entre outras dimensões capazes de aproximar a relação do estudante com a escola.

Essa conduta está circunscrita ao que Gilberto Velho denominou de *projeto* que figura como “a conduta organizada para atingir finalidades específicas” (Velho, 2003:38), vale ressaltar, que este processo não é linear, nem contínuo ou homogêneo e, portanto, deve ser compreendido em suas multiplicidades. A elaboração de um projeto implica em uma antecipação da futura trajetória e biografia do sujeito, neste sentido, insere-se a dimensão da memória. E neste sentido, Missi e Elir acionam suas vivências no ordenamento de suas vidas em sua relação com a pesca para elaborarem estratégias que contribuam para a descontinuidade profissional de seus filhos.

A elaboração de projeto não opera num vácuo, mas sim, a partir de premissas e paradigmas culturais compartilhados por universos específicos, que Velho (2003) denominou de *campo de possibilidades*, onde o ato e a possibilidade de escolha dos indivíduos, em oposição à determinação do grupo, são o ponto de partida para a formulação de um projeto individual.

Os projetos, ainda que reconhecidos como individuais, estão inscritos em um contexto sócio cultural específico, elaborados a partir de um recorte circunscrito histórica e culturalmente. O campo de possibilidades é fundamental para a compreensão da maneira pela qual os projetos são elaborados e modificados ao longo de uma trajetória de vida.

De um lado, temos a tradição da pesca estabelecida ao longo dos anos como principal fonte de manutenção da sobrevivência; do outro, a elaboração de projeto que visa dar sentidos a uma trajetória escolar duradoura, ainda recente dentre os pescadores, e que tem como principal motivação a demanda do mercado de trabalho. Em uma das falas de Elir, ele expressa com bastante ansiedade sobre uma das limitações de seu ofício:

Elir: Eu converso com muitos pescadores, porra, um diz: “rapaz, se eu arrumasse um emprego eu deixava de pescar”. O outro: “se eu arrumasse um emprego eu deixava de pescar”. Por quê? Por que está enjoado do

dono de barco, das dificuldades de pagar a casa. Por que hoje em dia é cartão de crédito em todo canto, hoje em dia. Por que a pessoa que trabalhe em qualquer canto é fácil ter cartão de crédito. Mande o pescador conseguir. Não existe não cartão de crédito para pescador. Tem que declarar uma renda fixa.

Elir tem anseios no que se refere às possibilidades de acesso que não são contemplados de maneira satisfatória com a realização de seu trabalho. Em sua fala, o investimento a favor do trabalho assalariado contraria as observações realizadas em outros trabalhos sobre o universo da pesca (Diegues, 1997; Maldonado, 2001) em que uma ideia de *liberdade* é colocada em contraposição ao trabalho assalariado.

A fala de Elir e dos demais pescadores do povoado apresenta uma expectativa muito expressiva no que se refere à melhoria das condições de seus filhos, em detrimento da ruptura com o mundo da pesca e a busca por contextos mais favoráveis para o seu desenvolvimento em profissões que garantam maior estabilidade financeira. Quando perguntado a respeito de ensinar seu filho Elias os saberes envolvidos na pesca, Elir faz questão de afastá-lo do ofício, ao contrário do tempo de Seu Jorge, em que os meninos eram inseridos muito cedo na atividade pesqueira.

Ainda que a demanda do mercado de trabalho seja importante neste processo de elaboração de sentido da escolarização, entra em cena também elementos mais subjetivos no que se refere ao desejo de superação da condição familiar, a ocupação de posições mais qualificadas, reconhecimento social, ampliação de conhecimentos e participação na sociedade.

Esses anseios com relação à escolarização não eram vislumbrados nos tempos de Seu Jorge, ele mesmo conta que deixou os estudos para auxiliar na manutenção de sua família. A geração de Elir vai se deparar com as mesmas condições, com alguns casos isolados de ruptura com a atividade. No caso dos filhos de Missi e Elir, uma outra possibilidade está sendo desenhada a partir de um “campo de possibilidades” favorável ao investimento em uma outra profissão.

À medida que filhos dos pescadores podem fazer outras escolhas, se liberando do projeto familiar de continuidade ocupacional implica também em um enfraquecimento e uma mudança significativa da estrutura familiar. As rupturas com o estilo de vida dos antigos podem implicar na saída desses jovens do povoado, em busca de novas oportunidades, ou no desenvolvimento de práticas distintas das dos pais.

Um trabalho que pode dialogar com este cenário atual da pesca no Pontal é o artigo de Paixão (2007) acerca do significado da escolarização para um grupo de catadoras de um lixão de São Gonçalo. A autora, dentre outras questões, aborda que a inserção dos filhos das catadoras no espaço escolar significa que os mesmos terão acesso a “aprendizagens dos instrumentos básicos necessários à integração em uma sociedade letrada e amplie chances no mercado de trabalho” (PAIXÃO, 2007:227).

Paixão coloca no cerne de sua discussão a inserção de famílias desfavorecidas que não tinham acesso ao espaço escolar e, de como são elaborados os sentidos e expectativas referentes à escola por essas catadoras. A inserção no espaço escolar por famílias que apresentam vulnerabilidade social, pode ser compreendida se associada há uma forte expansão educacional no Brasil que também alcançou a comunidade do Pontal.

Com a ampliação do papel do estado, via alocação de gastos sociais na esfera educacional e de políticas educacionais específicas, a rápida urbanização e transição demográfica do Brasil na composição social das famílias e da clientela escolar, contribuíram para mudanças nas condições de vida e da distribuição geográfica das famílias e, ainda, a demanda educacional por parte da população (SILVA e HASENBALG *apud* ZAGO, 2007). Esses fatores vêm contribuindo para uma democratização da escola, que ainda dá não se de maneira efetiva por depender de variáveis, como por exemplo, o meio social, o sexo, a nacionalidade ou a origem geográfica.

Essa expressiva procura por prolongamento do percurso escolar pode ser explicado por acontecimentos que ocorreram nos anos 90 e que foi “marcadamente crítico para os jovens do ponto de vista profissional com o crescimento da taxa de

desemprego; a redução do emprego assalariado e; o fortalecimento de ocupações não-assalariadas, em sua grande maioria em condições precárias” (Zago, 2007:148).

Essas aproximações com o contexto educacional em diálogo com populações que apresentam vulnerabilidade social traçam algumas semelhanças com o contexto do povoado do Pontal, através dos discursos produzidos sobre o investimento no prolongamento da escolarização nos tempos atuais.

As mudanças no horizonte de possibilidades de famílias vulneráveis, e, neste caso, os pescadores do Pontal, foram oportunizadas por um contexto que é favorável à criação de sentidos em trajetórias escolares mais duradouras, tendo em vista as intervenções institucionais capazes de proporcionar uma relação mais sólida e também por uma capacidade destes pescadores em perceber a interpenetração de diferentes mundos e a fluidez das fronteiras culturais na elaboração mais consciente e intencional de um projeto que se opõem aos caminhos da pesca.

GUIA DE CONCLUSÃO: dos aprendizados em campo

Fazer parte de tantas lembranças e momentos superpostos, nos diversos encontros em que compartilhei das memórias, dos gestos e práticas cotidianas dos narradores, ou simplesmente nos momentos em que nos entregávamos às conversas sobre temas diversos, me proporcionou o reencontro com um outro Pontal, através dos vínculos afetivos construídos.

O mar, os barcos atracados, o pôr do sol, os pescadores confabulando nas praças, as moças tecendo seu artesanato de Ouricuri; imagens que se entrelaçam a ritmicidade do povoado que vão pouco a pouco compondo o ambiente e a memória coletiva de seus habitantes.

Mergulhar nesse ambiente singular, onde as vidas são ordenadas pelos elementos dos cosmos, das águas, dos peixes, exigiu que se transfigurasse a ideia inicial de uma aparente acomodação por parte dos pescadores com relação aos

desígnios da natureza, em uma resignação que se explica na entrega sem medidas às inconstâncias marítimas, essa foi uma das valiosas lições dessa pesquisa. Um mergulho pontuado pela diferença, próprio do fazer antropológico, mas também envolvida em um “estar-junto” onde os limites eram movediços, criados e recriados no tecer das relações estabelecidas que escapam a própria pesquisa.

A advertência levistraussiana de que “não é jamais ele mesmo nem o outro que ele (etnógrafo) encontra ao final de sua pesquisa” (LÉVI-STRAUSS, 1960:17), ganha um sentido mais vivo após essa vivência em campo. Pois, não só foram produzidos, a partir de minha presença, efeitos nas histórias desses narradores, como também, trago comigo suas presenças que a cada investida em campo foram transformando não só o meu olhar dentro da pesquisa, mas também, o meu próprio olhar para a vida.

Após nove meses de pesquisa, os “dados sensíveis” recolhidos em campo: a produção fílmica do documentário *Missi* e os sentimentos envolvidos à medida que as histórias dos narradores eram ouvidas, constituíram uma nova experiência com o Pontal. Somam-se a um conjunto de áudios dos encontros, fotos, imagens gravadas, a descoberta do livro *Bico: O filho de jangadeiro*, que se configurou como elemento importante no processo da pesquisa, além da produção de relatos e dilemas pessoais sob as condições em campo que são indissociáveis da pesquisa etnográfica e da escrita do diário de campo. Esses elementos configuram um retrato de uma experiência etnográfica e de uma ambiência particular na qual se desenrolou a pesquisa.

Nessa perspectiva, não pretendo encerra as inúmeras possibilidades de interpretação do universo da pesca no povoado do Pontal. Pelo contrário, a aproximação com este ambiente constitui-se em um esforço por apresentar um retrato do que foi possível ser experimentado enquanto estava lá me relacionando de maneira única com os interlocutores e com o lugar.

É importante pontuar sobre a limitação do trabalho em dar conta de maneira mais elaborada dos conhecimentos envolvidos na arte da pesca artesanal. Em tempos de ampla discussão acerca do processo de desescolarização que tem

apresentado importantes questionamentos sobre o formato do processo educacional nas escolas. Faz-se necessário fazer um estudo mais profundo sobre as práticas não formais de ensino, que persistem em pequenos povoados nos aprendizados que são passados de geração em geração.

Ao realizar a pesquisa, inquietações que escapam aos limites de reflexão deste trabalho foram surgindo, como por exemplo, um estudo mais elaborado sobre o percurso escolar dos filhos dos pescadores conhecendo o “ponto de vista” dos que participam na elaboração de um projeto de vida voltado para um percurso escolar mais duradouro e que não foi contemplado neste momento. Esse interesse surgiu nos diálogos informais que mantinha com os filhos de Missi e Elir, Elias e Esheley sobre o ambiente escolar.

A experiência compartilhada no encontro etnográfico, trouxe não somente algumas pistas iniciais para um fazer antropológico, mas um aprendizado afetivo sobre a “gente do mar”. O trabalho é uma tentativa de apresentar, a partir das relações estabelecidas, vidas que são atravessadas pelas inconstâncias dos ritmos das marés, ambiente movediço, e também o espaço em que vidas são erguidas ao balanço dos ventos e que ainda assim, se mantêm firmes.

REFERÊNCIAS

- ADOMILLI, Gianpaolo Knoller. *Trabalho, meio ambiente e conflito: um estudo antropológico sobre a construção da identidade social dos pescadores do Parque Nacional da Lagoa do Peixe-RS*. - - Porto Alegre: [s.n.], 2002. [Dissertação de Mestrado].
- ALENCAR, C. A. G.; MAIA, L. P. Perfil socioeconômico dos pescadores brasileiros. IN: Arquivos de ciência do mar. Fortaleza, CE, Brasil. (pp. 12-19). Disponível em: http://www.inct-tmcocean.com.br/artigos_periodicos/178_perfil-economico-CE.pdf. Acesso em: 9 de janeiro de 2015.
- BENJAMIN, Walter. *O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. IN: Magia e Técnica, Arte e Política. 4º edição. São Paulo: Brasiliense, 1985 (pp. 197-221).
- BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: Usos e abusos na história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996 (pp.183-191)
- BRETON, Y.; CAVANAGH, J. *Mobilização de pescadores e política municipal em São Sebastião*. IN: O olhar estrangeiro-enciclopédia caiçara, Diegues, A. C. S. (org.). v. III, São Paulo: Hucitec/Nupaub, 2005.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Uma incursão pelo lado “não respeitável” da pesquisa de campo*. IN: Revista Ciências Sociais Hoje, n. 1. Rio de Janeiro, 1980.
- CARDOSO, Eduardo Schiavone. *Trabalho e pesca: apontamentos a investigação*. IN: Revista Pegada. São Paulo, 2009.
- _____. *Geografia e a questão pesqueira: tecendo redes de investigação*. IN: Revista Biblio3W, v. XII, Barcelona, 2007.
- _____. *Pescadores Artesanais: Natureza, Território, Movimento Social*. IN: Geografia, v. XV, Londrina, 2008. (pp. 81-94)
- CORBIN, Alain. *O território do vazio. A praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Companhia da Letras, 1989.
- DELUCA, G.; OLIVEIRA, S. R.; CHIESA, C. D. *Contribuições de Gilberto Velho para os estudos sobre carreira: projeto e metamorfose de indivíduos e coletividade*. XXXVIII Encontro do ANPAD. Rio de Janeiro: [s.n.], 2014.
- DEVOS, Rafael. *Uma “ilha assombrada” na cidade: estudo etnográfico sobre cotidiano e memória coletiva a partir das narrativas de antigos moradores da Ilha Grande dos Marinheiros*. - - Porto Alegre: [s.n.], 2002. [Dissertação de Mestrado].
- DIEGUES, Antônio Carlos. *A Sócio-Antropologia das Comunidades de Pescadores Marítimos no Brasil: Uma Síntese Histórica*. IN: Encontro de Ciências Sociais e o mar no Brasil. Coletânea de Trabalhos Apresentados. São Paulo: PPCAUB/FUNDAÇÃO, Centro de Culturas Marítimas-CEMAR/NUPAUB, 1984.

_____. *Formas de organização da produção pesqueira: alguns aspectos metodológicos*. IN: Encontro de Ciências Sociais e o mar no Brasil. São Paulo: PPCAUB/ Fundação Ford/IOUSP/UICN, 1998.

_____. *Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar*. São Paulo: Ática, 1983.

_____. *Os pescadores artesanais e a questão ambiental*. IN: Proposta. n.53. Rio de Janeiro, 1992. (pp.31-34)

ECKERT, Cornelia. *Questões em torno do uso de relatos e narrativas biográficas na experiência etnográfica*. IN: Humanas: RIFCH/UFRGS, v. 1. n. 19/20. Porto Alegre: Ed. da ufrgs, 1996-1997.

_____. *Memória e identidade: Ritmos e ressonâncias da duração de uma pequena comunidade de trabalho: mineiros do carvão*. IN: Cadernos de Antropologia, nº 11. Porto Alegre, 1996.

_____. *A memória como espaço fantástico*. IN: Iluminuras, Série do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, n. 2. Porto Alegre: BIEV/PPGAS/UFRGS, 2000. Disponível em: www.estacaoportoalegre.ufrgs.br/index2.htm. Acesso em: 23 de janeiro de 2014.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza C. *Etnografia da duração*. Porto Alegre: Marcavisual, 2013.

_____. *Etnografia de Rua: Estudo de Antropologia Urbana*. IN: Revista: Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade da Unicamp, n. 9. Campinas, 2003.

EVANS-PRITCHARD, E. E. *Os nuer*. São Paulo: Perspectivas, 2005.

FIRTH, Raymond. *Social Structure and Peasant Economy: the influence of social structure upon peasant economies*. IN: Wharton: Subsistence agriculture and economic development. Frank Less. Nova York, 1970.

FREYRE, Gilberto. *Nordeste: Aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil*. 7º edição. São Paulo: Global, 2004.

FORMAN, Shepard; FORMAN, Leona. *Bico: O filho de um jangadeiro brasileiro*. Alemanha: Grafmarques, 1967.

_____. *The raft fishermen: tradition and change in the Brazilian peasant economy*. Indiana: Grafmarques, 1970.

GALVÃO, Hélio. *La Antropologia de la pesca: problemas, conceptos y teoria*. IN: Actas del Col. Etnografia Maritima, Santiago de Compostela, 1984.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar. 1978.

GEERTZ, Clifford. *O ponto de vista do nativo: A natureza do pensamento antropológico*. IN: O saber local: Novos ensaios de antropologia interpretativa. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2001(pp. 87-107).

GEISTDOERFER, Bernardes. *Pescadores da Ponta do Cajú: aspectos da contribuição de portugueses e espanhóis para o desenvolvimento da pesca na Guanabara*. IN: Revista: Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, n. 2, ano XX, 1989.

GOLDMAN, Marcio. *Os Tambores dos Mortos e os tambores dos vivos: Etnografia, Antropologia e Política em Ilhéus, Bahia*. IN: Cadernos Antropológicos, n.3, ano XXI. Bahia, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ra/v46n2/a12v46n2.pdf> Acesso em: 12 de junho de 2014.

_____. *Jeanne Favret- Saada, os afetos, a etnografia*. IN: Cadernos Antropológicos, Rio de Janeiro, n. 6, ano XX. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/viewFile/50263/54376> Acesso em 13 de abril de 2014.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006

HERUBEL, M. *L'évolution de la pêche*. Paris: Geographiques, 1928.

LIMA, Roberto Kant de; PEREIRA, Luciana F. *Pescadores de Itaipu. Meio Ambiente, conflito e ritual no litoral do Estado do Rio de Janeiro*. Niterói: EDDUF, 1997.

LIMA, B. B.; VELASCO, Z.- *Estudo piloto sobre o autoconsumo de pescado entre os pescadores artesanais do estuário da Lagoa dos Patos, RS, Brasil*. IN: Boletim do Instituto de Pesca. São Paulo, 2003. Disponível em: ftp://fpp.sp.gov.br/ftpescas/32_89_7_90.pdf. Acesso em: 23 de janeiro de 2013.

MAGNANI, José Guilherme. *Etnografia como prática e experiência*. IN: Horizontes Antropológicos n 32, ano 15. Porto Alegre, Jul/dez. 2009 (pp.129-156).

MALDONADO, S. C. *Pescadores do mar*. São Paulo: Ática, 1986.

_____. *Mestres e mares: espaço e indivisão na pesca marítima*. São Paulo: Annablume, 1993.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MENDES, Estevane de Paula Pontes. *Identidades sociais e suas representações territoriais: as comunidades rurais no município de Catalão (GO)*. IN: Geografia e cultura: a via dos lugares e os lugares da vida. Maria Geralda de Almeida, Eguimar Felício Chaveiro, Helaine da Costa Braga (organizadores). Editora Vieira: Goiânia, pp. 23-38, 2008.

MOURÃO, Hernandez. *La unidad del hombre como fundamento y aproximación interdisciplinaria*. IN: Interdisciplinaridade em Ciências Sociais. Madrid, 1982.

MUSSOLINI, G. *Cultura caiçara*. IN: Ensaios de Antropologia indígena e caiçara. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

_____. *O cerco flutuante: uma rede de pesca japonesa que teve a ilha de São Sebastião como centro de difusão no Brasil*. IN: Sociologia. São Paulo, 1946 (pp.135-147).

NASCIMENTO; M.C.V; SASSI, R. *Análise da atividade pesqueira e das condições socioeconômicas dos pescadores artesanais de Cajueiro da Praia, Piauí, Brasil*. IN: Gaia Scientia. João Pessoa, Brasil. Disponível em: http://periódico//gaia_234.ufpb.pht.index/article/1996/345. Acesso em: 27 de janeiro de 2014.

OLIVEIRA, Roseline; MOTA, Melissa. *Gestos humanos, gestos urbanos: memórias cotidianas da paisagem colonial alagoana*. IN: Revista Paisagem Ambiente, n. 24 - São Paulo, 2007. (pp. 355 – 362)

NOBLICK, L. R. *Palmeiras das caatingas da Bahia e as potencialidades econômicas. Simpósio sobre a Caatinga e sua Exploração Racional*. Brasília: EMBRAPA, 1986. (pp. 123-145).

NORDI, Nivaldo; SILVA José. *Etnoictiologia de pescadores artesanais do estuário do Rio Mamanguape, Paraíba, Brasil*. IN: Revista Pesca. Paraíba, 2003.

OLIVEIRA, Evelina Antunes F. de. *Memórias de trabalhadores da beira do rio em penedo*. IN: Memória Oral sobre Sítios Históricos em Alagoas. Realização: 17^a Superintendência do IPHAN – Alagoas. - - Maceió: [s.n.], set. 2008. [Relatório de Pesquisa]

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

PAIXÃO, Lea Pinheiro. *Socialização na escola*. Sociologia da Educação: Pesquisa e realidade brasileira. Org. Lea Pinheiro e Nadir Zago. Rio de Janeiro: Vozes, 2007. (pp.223-243).

PRELORAN, Jorge. *El cine documental etnobiográfico*. Buenos Aires: Ayllu S. R. L., 1987 (pp.72-117).

QUEIROZ, Maria Isaura Peirano. *Relatos Oraís: do “indizível” ao “dizível”*. IN: Vom Simons, Olga da Moraes (Org.). Experimentos com a história de vida (Itália-Brasil). São Paulo: Vértice, 1988. (pp. 15-40).

SANTOS, Everson Cardoso; SAMPAIO, Cláudio L. S. *A pesca artesanal na comunidade de Fernão Velho*. IN: Revista: Gestão Costeira Integrada. 2013.

SANTOS, M. *A natureza do espaço*. São Paulo: Edusp, 2000.

SILVA, Vagner Gonçalves. *O antropólogo e sua magia. Trabalho de Campo e Texto Etnográfico nas Pesquisas Antropológicas sobre Religiões Afro-brasileiras*. São Paulo: Edusp, 2006 (pp.119-132).

SILVA, L. G. S *Os pescadores na história do Brasil*. Recife: Vozes, 1988.

_____. *Tudo o que tem na terra tem no mar: A classificação dos seres vivos entre os trabalhadores da pesca em Piratininda*. IN: Diegues, A. C. *Imagens das águas*. São Paulo: Hucitec/NUPAUB, 2000.

SOUZA; M.R.M; NEUMANN-LEITÃO, R. *Consequências socioeconômicas dos impactos antrópicos no estuário do Rio São Francisco em Brejo Grande, Sergipe, Brasil*. IN: *Trabalhos Oceanográfico da Universidade de Pernambuco*. Sergipe, 2012. Disponível em: <http://www.efpe.br>. Acesso em 23 de janeiro de 2014.

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose. Antropologia das Sociedades Complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

VELHO, Gilberto. “*Violência, reciprocidade e desigualdade: uma perspectiva antropológica*.” IN: VELHO, Gilberto e ALVITO, Marcos (Orgs.). *Cidadania e Violência*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

WOORTMANN, Ellen F. *Herdeiros, Parentes e Compadres: colonos do Sul e sitiantes do Nordeste*. São Paulo: HUCITEC, 1995.

ZAGO, Nadir. *Prolongamento da escolarização nos meios populares e as novas formas de desigualdades educacionais*. Sociologia da Educação: Pesquisa e realidade brasileira. Org. Lea Pinheiro e Nadir Zago. Rio de Janeiro: Vozes. 2007 (pp.128-153).